



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

ANA CLAUDIA RIBEIRO

**DAS VOZES DA ARQUIBANCADA AO SUJEITO-OBJETO:  
A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA SOBRE OS JOGADORES DE  
FUTEBOL**

---

Londrina  
2025

ANA CLAUDIA RIBEIRO

**DAS VOZES DA ARQUIBANCADA AO SUJEITO-OBJETO:  
A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA SOBRE OS JOGADORES DE  
FUTEBOL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Adriana Rampazo

Londrina  
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Ribeiro, Ana Claudia.

DAS VOZES DA ARQUIBANCADA AO SUJEITO-OBJETO : A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA SOBRE OS JOGADORES DE FUTEBOL / Ana Claudia Ribeiro. - Londrina, 2025.  
100 f.

Orientador: Adriana Rampazo.

Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Programa de Pós-Graduação em Administração, 2025.

Inclui bibliografia.

1. futebol - Tese. 2. jogadores - Tese. 3. discurso - Tese. 4. sujeito - Tese. I. Rampazo, Adriana. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Estudos Sociais Aplicados. Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título.

CDU 658

ANA CLAUDIA RIBEIRO

**DAS VOZES DA ARQUIBANCADA AO SUJEITO-OBJETO:  
A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO JOGADOR DE FUTEBOL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito para a obtenção do título de Mestre

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª. Orientadora: Profª. Drª. Adriana  
Vinholi Rampazo  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Carlos Eduardo de Lima  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. William Antonio Borges  
Universidade Estadual de Maringá – UEM

---

Londrina, 17 de dezembro de 2025.

## **AGRADECIMENTOS**

Inicialmente gostaria de agradecer a minha família que mesmo diante dos percalços e independente das situações sempre estiveram por mim. Eles são minha base, minha força e muito do que eu sou devo aos meus pais e ao meu irmão.

À Prof<sup>a</sup>. Adriana Rampazo, mais conhecida como Drica e a melhor mãe acadêmica que eu poderia ter. Esses três anos foram de intenso aprendizado com você, que sempre me incentivou e buscou tirar o melhor de mim mesmo nos momentos de caos, apesar de eu ser um completo caos.

Aos Professores do PPGA – UEL que fizeram parte de alguma forma da minha formação ou trajetória no mestrado.

Não podia deixar de agradecer a Ana Matuo que aguentou meus surtos ou surtou comigo e que é uma grande amiga que levarei pra vida. Uma pessoa com sabedoria ímpar e mesmo mais nova me ensinou.

Aos membros da banca por aceitarem participar e contribuírem para a construção dessa pesquisa.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro concedido por meio da bolsa de estudos, fundamental para a realização desta pesquisa.

## RESUMO

RIBEIRO, Ana Claudia. **DAS VOZES DA ARQUIBANCADA AO SUJEITO- OBJETO: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA SOBRE OS JOGADORES DE FUTEBOL 2025.** 100f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em nome do curso) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025.

O presente trabalho tem como objetivo geral compreender como se dá a construção discursiva dos torcedores sobre os corpos dos jogadores de futebol, assim, para tal intento buscou explorar os elementos constitutivos do discurso sobre os jogadores de futebol, interpretar os discursos dos torcedores sobre os jogadores identificando as principais tendências de mudança discursivas e, por fim, descrever como os discursos dos torcedores se materializam nos corpos por meio das identidades performativas dos jogadores de futebol. Conseqüentemente, trata-se de uma pesquisa teórica-empírica, qualitativa, de caráter descritivo e que parte de uma perspectiva pós-estruturalista. A construção dos dados se deu por meio de documentos e entrevista semiestruturada, sendo os participantes aqueles sujeitos que se identificaram como torcedores. Sua interpretação foi realizada a partir da análise crítica do discurso baseado na Teoria Social do Discurso, de Fairclough. Como resultado pudemos encontrar oito (8) discursos promovidos pelos participantes que se conectam e atuam simultaneamente nos atravessamentos discursivos enquanto práticas sociais que constituem o sujeito, também encontramos aspectos sociais relevantes que se camuflam nesses discursos e nos assujeitam a fim de expropriar renda bem como desenvolver um sistema de controle eficiente, contudo, a partir de uma inversão da concepção de panóptico foucaultiano.

**Palavras-chave:** futebol; jogadores; discurso; sujeito.

## **ABSTRACT**

RIBEIRO, Ana Claudia. FROM THE VOICES OF THE STANDS TO THE SUBJECT-OBJECT: THE DISCURSIVE CONSTRUCTION OF THE SOCCER PLAYER 2025. 100f. Dissertation (Master's Degree in Administration) - Final Course Project (Undergraduate Degree in the name of the course) – Center for Applied Social Sciences, State University of Londrina, Londrina, 2025.

The overall objective of this study is to understand how fans construct discourse about soccer players' bodies. . To this end, it sought to explore the constituent elements of discourse about soccer players, interpret fans' discourse about players by identifying the main trends in discursive change, and, finally, describe how fans' discourse materializes in bodies through the performative identities of soccer players. Consequently, this is a theoretical-empirical, qualitative, descriptive study based on a post-structuralist perspective. The data was constructed using documents and semi-structured interviews, with the participants being those subjects who identified themselves as fans. Its interpretation was carried out based on a critical analysis of discourse based on Fairclough's Social Theory of Discourse. As a result, we found eight (8) discourses promoted by the participants that connect and act simultaneously in the discursive intersections as social practices that constitute the subject. We also found relevant social aspects that are camouflaged in these discourses and subject us to expropriate income and develop an efficient control system, however, based on a reversal of Foucault's panopticon concept.

Keywords: soccer; players; discourse; subject.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Concepção Tridimensional do Discurso .....	39
<b>Figura 2</b> - Mecânica-Anatomia/combustão-movimento .....	55
<b>Figura 3</b> - Usain Bolt vs Nissan GT-R.....	56
<b>Figura 4</b> - Cristiano Ronaldo, o primeiro robô português.....	58
<b>Figura 5</b> - Postagem em Instagram .....	66

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Informações sobre os participantes.....	35
---	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACD	Análise Crítica do Discurso
ANOREG	Associação dos Notórios Registradores do Brasil
CACD	Concurso de Admissão à Carreira de Diplomata
CBJD	Código Brasileiro de Justiça Desportiva
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CT	Centro de Treinamento
DSC	Discurso do Sujeito Coletivo
GEFuT	Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas
STJD	Superior Tribunal de Justiça Desportiva
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TOs	Torcidas Organizadas
UEL	Universidade Estadual de Londrina

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>DÉCIMA SEGUNDA PESQUISADORA .....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>O PONTA PÉ INICIAL .....</b>	<b>22</b>
<b>3</b>	<b>CONSTRUINDO A ESTRATÉGIA DE JOGO .....</b>	<b>29</b>
3.1	Se posicionando em Campo .....	31
3.2	Mapeamento Metodologicamente o Jogo .....	34
3.3	O campo de Jogo .....	34
3.4	Escalando os Jogadores .....	34
3.5	Escalando os participantes .....	35
3.5.1	Dimensão Textual .....	39
3.5.2	A Prática Discursiva .....	40
3.5.3	A Prática Social .....	41
3.6	Fair Play da Pesquisa .....	42
<b>4</b>	<b>AS VOZES DA ARQUIBANCADA.....</b>	<b>44</b>
4.1	O Torcer do Torcedor.....	48
4.2	Os donos do espetáculo entram em campo.....	50
<b>5</b>	<b>o jogo discursivo que constitui.....</b>	<b>54</b>
5.1	Corpo máquina perfectível .....	54
5.2	Ídolo/Herói.....	59
5.3	Corpo Produtivo .....	63
5.4	Entidade Moral .....	67
5.5	Corpo Regulado .....	70
5.6	Estigma do Engessamento Social .....	72
5.7	Jogue como Homem .....	77
5.8	Atleta Celebridade.....	80
<b>6</b>	<b>NOS ACRÉSCIMOS FINAIS DA PRORROGAÇÃO.....</b>	<b>84</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>92</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>98</b>

APÊNDICE A.....	99
-----------------	----

## 1 DÉCIMA SEGUNDA PESQUISADORA

Muito ainda se fala sobre uma suposta neutralidade do pesquisador diante do seu objeto de estudo. No entanto, me questiono qual é essa neutralidade, haja vista que as escolhas do meu objeto, por exemplo, assim como outros aspectos dessa dissertação foram atravessadas pela minha história, pelos meus afetos e pela minha visão de mundo. Revelando, assim, os entrelaçamentos entre minha “Eu” projeto de pesquisadora com a minha “Eu” torcedora, entre as outras “Eus” que me constituem como sujeita.

Deste modo, ao longo do mestrado me deparei com muitas teorias, abordagens e conceitos que eram novos para mim, mas uma abordagem, em especial, me marcou e impactou significativamente meu modo de perceber a ciência. Refiro-me à perspectiva de Ladson-Billings (2006) que compreende a epistemologia não apenas como uma “forma de conhecer”, mas como um “sistema de conhecer”. A partir de então, com esse novo olhar, o meu estudo passou a fazer mais sentido para mim.

Ainda assim, não basta que essa pesquisa faça sentido apenas para mim, tem que possuir sentido para você também, leitor. Espero que, ao me apresentar, possa te auxiliar a compreender de onde falo, bem como as relações de poder que me perpassam e influenciam a minha subjetividade, o meu devir enquanto pesquisadora e, em especial, os resultados apresentados nesta pesquisa.

Deste modo, relacionar “corpos”, “futebol” e “Estudos Organizacionais”, representam os entrelaçamentos que me constituem enquanto sujeita. No entanto, para avançar nessas articulações passei por um profundo processo de descoberta sobre a Administração e suas complexidades, chegando, assim, nos Estudos Organizacionais. Para mim, por conseguinte, esse campo de estudos se tratava de uma nova perspectiva acerca das organizações, do organizar e da vida organizada relevante a ser explorado na Administração e em minha pesquisa.

Contudo, passo a explicar um dos meus afetos que atravessam esta pesquisa. Não se trata de uma nova paixão, mas sim de um vínculo afetivo que trago comigo desde que me compreendo como sujeita. O esporte sempre esteve presente na minha vida, desde a infância, fosse por questões de saúde, por lazer ou como meio de ocupar meu tempo livre fora da escola para que meus pais pudessem trabalhar.

Uma das minhas primeiras e mais vívidas memórias estão relacionadas com o esporte: foi o meu choro assistindo a final França vs Brasil da Copa do Mundo de 1998 que, infelizmente, o Brasil perdeu (ou perdemos???). Na época eu tinha apenas 8 anos e já iniciava minha trajetória de sofrimento com o futebol. Mas junto das lembranças “traumáticas” também construí boas memórias, como o ápice da felicidade na Copa do Mundo de 2002, em plena madrugada, com os gols do Ronaldo Fenômeno sobre a Alemanha e, conseqüentemente, o quinto título da Seleção Brasileira em Copa do Mundo — um motivo que considero de orgulho, uma vez que somos o único país pentacampeão mundial até hoje.

Possuo várias recordações, tanto tristes quanto felizes, quando me refiro ao esporte, contudo as mais marcantes são os referentes ao futebol. Deste modo, posso afirmar que o futebol possui um significado importante para mim e está inserido no meu dia a dia, afinal sofro, choro, me alegro, me angustio e comemoro ‘duas vezes na semana’<sup>1</sup> com o Flamengo durante os 90 minutos + acréscimos de cada jogo.

São duas horas que posso dizer que vivo uma montanha-russa emocional e como minha mãe diz, me transformo em outra “Ana”. Uma “Ana” que xinga desde os jogadores até os árbitros, que canta com a torcida, mesmo que esteja apenas assistindo pela televisão, diferente do meu “Eu” do cotidiano que não se sente confortável de gritar e proferir xingamentos. Ao performatizar esta “Ana torcedora” tenho comportamentos distintos e marcantes da “Ana” que performatizo no meu cotidiano.

Apesar do futebol ser a minha grande paixão, nutro o meu amor por outras modalidades esportivas, talvez não tão efusivamente, mas um sentimento que desenvolvi e adquiri a partir das vivências que tive em diferentes esportes, como vôlei, ginástica artística, ginástica rítmica, futebol, entre outros.

Com isso, percebi que meu vínculo com o esporte era forte e seguro a ponto de, aos 17 anos — uma fase da vida em que passamos por uma das decisões mais significativas: escolha graduação que, de certa maneira, ditaria ou ao menos influenciaria a minha trajetória profissional que seguiria dali por diante. Assim, tive o Esporte como um norte para as escolhas que fiz nessa etapa e continuo fazendo.

---

<sup>1</sup>Duas vezes na semana porque usualmente o calendário esportivo dos clubes alocam jogos nos finais de semana e meio da semana.

Desta forma, cursar uma graduação na Universidade Estadual de Londrina (UEL) não era nem um tema de debate, era algo que sempre esteve muito claro para mim. Acreditava que não havia outra possibilidade a não ser prestar UEL, foi um pensamento imposto pelo meu contexto ao longo da minha formação, fosse no ambiente escolar ou fosse no familiar. Então, naquela época, a pergunta que mais me assombrava era “dentre toda essa infinidade de graduações apresentadas no catálogo, qual é a que eu quero e me identifico mais para, assim, poder prestar o vestibular?”

Eu sei que talvez você, leitor, espere que escreva o curso de Educação Física, mas, sinto os decepcionar, pois uma das poucas certezas que eu tinha naquela fase da vida era que eu não gostaria de fazer Educação Física. Primeiro, não me via dando aulas em escolas, ou melhor, replicando a estrutura clássica de separação, meninas jogando bola queimada e os meninos futsal. Bom, essa foi a estrutura de aula que vivenciei por muitos anos e que referenciou minha visão sobre a Educação Física naquele momento.

Segundo, porque não queria frequentar profissionalmente uma academia, não me via atuando como instrutora, lidando com o público dessa forma no meu dia a dia, era uma ideia que me angustiava. Contudo, sei hoje em dia que Educação Física vai muito além da visão limitada que eu possuía aos 17 anos, porém foram esses os tipos de pensamento que guiaram minhas escolhas naquele momento da vida.

Assim como, não possuía disponibilidade intelectual e tão pouco interesse nos cursos padrões, sonhos dos pais que, na época, era Medicina e Direito. Apesar de falar durante um longo período da minha vida que gostaria de ser pediatra, fazer uma graduação que teria que ver sangue, definitivamente, não era para mim.

Logo, no meio de tantas dúvidas e possibilidades, o conselho que mais escutava era “faça algo que você goste” acompanhada do ditado “trabalhe com o que você ama e nunca mais precisará trabalhar na vida”. Então estava posto, afinal, amo esporte e havia uma graduação de bacharelado em Esporte na UEL. Por conseguinte, para mim, diante desses fatos a decisão estava evidente, então prestei o Vestibular 2008 UEL para o curso Bacharel do Esporte.

Desta maneira, desde que fui aprovada e cursei Esporte, uma frase me acompanha e creio que possa ser a resposta para uma pergunta que você esteja fazendo nesse momento, leitor, sendo a seguinte: “eu fiz Esporte e não Educação

Física. E não, não são a mesma coisa”. Acredito que esse seja o momento oportuno para esclarecer um pouco para vocês essa diferença. Logo, no Centro de Educação Física e Esporte (CEFE) tinham três cursos que se distinguiam quanto ao perfil profissional, aos objetivos do curso e ao campo de atuação, sendo eles Educação Física em Bacharel, Educação Física Licenciatura e Esporte.

Diante desse cenário, sucintamente, a Educação Física Bacharel se voltando para academias, bem como para programas de atividade física que visavam crianças, adolescentes, adultos, idosos e para grupos especiais (gestantes, diabéticos, cardiopatas, etc...), entre outras atividades. Enquanto o de Educação Física Licenciatura teve seus discentes sendo preparados para serem inseridos profissionalmente em escolas ou Instituições de Ensino (Resolução CEPE n.º 96, de 12.08.04).

Por conseguinte, o curso de Esporte visava prover profissionais capazes de coordenar, planejar, programar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, avaliar e executar trabalhos, programas, planos e projetos, assim como de realizar serviços a sociedade nas diversas formas de manifestações no âmbito da cultura, mediante atividades esportivas e para-esportivas nas suas diferentes dimensões (alto rendimento, saúde, educação e lazer) (Resolução CEPE/CA n.º 01, de 12/02/98).

Após essa breve explicação, retornemos a 2008, ano em que fui aprovada em Esporte. O primeiro ano dos quatro anos nos quais encontrei pessoas maravilhosas, desde colegas que passaram a ser amigos até professores que me guiaram a caminhos que me levaram à conclusão do curso.

No entanto, confesso que ao longo da graduação minha percepção sobre o esporte foi se modificando, não que não amasse mais estudar sobre esporte, mas surgiram questionamentos e dúvidas internas sobre como prosseguir com uma vida profissional no esporte. Com essa mudança de perspectiva, que abordarei logo, minha vida foi impactada significativamente, mais do que imaginei. Uma vez que o **esporte alto rendimento**<sup>2</sup> passou a não fazer mais meus olhos brilharem como antes e perdeu o sentido inicial daquela escolha de 2008.

---

<sup>2</sup> O quarto ano letivo de Esporte era o ano em que os discentes deviam optar por seguir uma dimensão, sendo elas: alto rendimento, educação, lazer e saúde. Assim, havia disciplinas que todos os discentes assistiam em conjunto e disciplinas específicas de cada dimensão.

Lembro-me, até hoje, do momento em que as dúvidas começaram. Foi logo após acompanhar o treino de uma jovem aspirante à ginasta olímpica. Nesse treino houve um momento em que ela estava repetindo sua rotina na trave e por uma falha acabou se machucando ao cair, aos prantos foi aconselhada por seu técnico a “engolir o choro” e continuar a executar o movimento até que o acertasse. O que é um conselho comum, e “correto” pensando no esporte alto rendimento.

Contudo, foi um evento que me marcou a ponto de fazer com que eu me questionasse se era realmente a dimensão alto rendimento que gostaria de seguir, ao mesmo tempo que as demais dimensões não me chamavam a atenção para me fazer estudá-las e nem me imaginar atuando profissionalmente nelas. Foi nesse momento que minha visão romantizada do esporte se deparou com a realidade, com o que o alto rendimento é de fato, com a visão de mundo que o alto rendimento te exige ter e com o que eu não estava disposta a absorver daquele mundo.

Digo romantizada porque, como muitos, entendia o Esporte como um meio de educação e superação de várias adversidades da vida, o que não deixa de ser verdade para muitas pessoas em contextos diversos. Porém, estava olhando apenas para a parte “bonita” do esporte, aquela parte que interessa ser mostrada e explorada. Vislumbrando apenas a medalha de ouro no final do arco-íris em que o primeiro lugar se encontra, ignorando todo o processo que leva um atleta a ser um atleta de alto rendimento.

Entretanto, essa visão dourada do alto rendimento me fez confrontar esse processo da realidade, que envolve o aspecto científico, fisiológico, biomecânico, e, até, na parte que tange a constituição dos sujeitos envolvidos nesse processo, pois é intenso, doloroso e custoso. O alto rendimento te impõe um custo alto e que eu não estava disposta a pagar, naquela altura da vida.

Mesmo diante de tantos questionamentos e conflitos internos sobre o meu futuro, em 2012, concluí a graduação em Esporte, mas neste momento já consciente que não era aquilo que eu gostaria de seguir profissionalmente. No entanto, tão pouco gostaria de me afastar ou me desvincular emocionalmente do esporte, afinal ainda amava aquilo, na verdade, continuo amando. Mas, agora amo com uma perspectiva diferente do que idealizei anteriormente, agora mais ciente e consciente das consequências enfrentadas pelos vários sujeitos envolvidos no alto

rendimento e que estão em busca do tão sonhado pote de ouro<sup>3</sup>, mas que poucos, realmente, chegarão a encontrar.

Assim, mais uma vez “perdida na vida” e pressionada por ela a fazer escolhas, me foram apresentadas diversas possibilidades, dentre elas a carreira de diplomata. Então, investiguei mais sobre e me deparei com informações acerca do Concurso de Admissão à Carreira de Diplomata, o famoso, temido e custoso “CACD”. Sendo assim, imaginei que o meu processo de preparação passaria por uma nova graduação, haja vista que na época havia poucos cursos preparatórios para o CACD e os que haviam não era possível para minha realidade, devido ao alto custo financeiro que exigiriam de mim e de minha família.

Inicialmente, para mim, parecia óbvia a escolha pela graduação de Relações Internacionais, porém, não havia no catálogo de graduações ofertadas pela UEL, conseqüentemente, para uma segunda graduação não fazia sentido sair de Londrina, uma vez que a UEL estava aqui. Assim, comecei novamente a explorar o catálogo de graduações que havia na UEL e concluí que as que iriam ao encontro do que eu necessitava eram: Direito ou Secretariado Executivo. Ao longo das minhas pesquisas, para entender minhas possibilidades, apareceu como uma opção de carreira, para os discentes de Secretariado Executivo, a Diplomacia e foi nesse momento que decidi prestar novamente o vestibular da UEL, mas agora para Secretariado Executivo.

Em 2013, iniciei minha segunda graduação e ao longo do curso me inscrevi para participar como voluntária da Copa das Confederações e do Mundo, que ocorreram em 2013 e 2014 respectivamente. Após um longo período de seleção entre idas e vindas ao Rio de Janeiro, acabei sendo selecionada para atuar na Copa das Confederações no Rio de Janeiro e assistindo com minha mãe uma partida do Flamengo, meu time do coração.

Acredito que foram experiências recompensadoras e que enriqueceram minha vivência ao logo do curso de Secretariado Executivo e enquanto torcedora. Além disso, a Copa do Mundo foi a realização de um sonho, por mais que essa vivência não tenha sido na mesma intensidade da que vivi na Copa das

---

<sup>3</sup> Esse pote de ouro não diz respeito apenas aos ganhos financeiros, uma vez que em muitas modalidades não possuem um retorno financeiro sonhado. Esse pote de ouro diz respeito, também, às conquistas esportivas ao longo de suas vidas como atletas.

Confederações, ela continuava sendo a realização de um sonho, não apenas meu, mas da minha família também.

Apesar dessa nova perspectiva, o meu amor pelo esporte, em especial pelo futebol, não mudou, muito pelo contrário. Após minha participação nesses eventos esportivos, posso afirmar que esse sentimento se aflorou e foi, novamente, inserido no meu âmbito acadêmico. Mas, naquele momento, em forma de um Trabalho de Conclusão de Curso, o famoso TCC, no qual apareceu como tema e teve foco na minha experiência no evento da Copa das Confederações de 2013.

Acho que até aqui você, leitor, já pode compreender o porquê do meu recorte e como minha visão de mundo impacta os resultados que serão apresentados mais adiante. Todavia, penso que devo explicar como cheguei ao Mestrado em Administração e as minhas escolhas quanto às teorias e a metodologia.

Em 2022, vinha de um longo período de estudo para concursos públicos e precisava encontrar novas coisas para me dedicar, assim, preservar um pouco da minha saúde mental. No começo desse ano, uma amiga que considero uma irmã me enviou o edital de disciplina especial de Mestrado, foi quando resolvi tentar. Logo, me inscrevi para as duas disciplinas especiais abertas, que foram: Discurso e Relações de Poder, da linha de pesquisa Organização, Poder e Sociedade, ministrada pela professora Adriana; e Tomada de Decisão nas Organizações, da linha de pesquisa de Gestão de Organizações.

Felizmente, fui aceita como estudante especial na disciplina de Discurso e Relações de Poder. Foi a disciplina que me abriu os olhos para esse outro lado da Administração, me fez sair da caixa e compreender que a Administração não se resume apenas a empresas e isso foi o divisor de águas para eu decidir e me inscrever no processo seletivo para estudante regular 2023. Outro aspecto importante desse momento da disciplina especial, foi ter o meu primeiro contato com os teóricos (Foucault, Butler e Fairclough) que utilizo em minha dissertação. Foi o momento em que eu me apaixonei pela análise crítica do discurso e um novo momento de mudança de perspectiva sobre o que eu entendia por discurso e por Administração.

E nessa longa caminhada até chegar no Mestrado em Administração, cultivei muitas ideias sobre o que poderia e gostaria de estudar enquanto mestranda e uma aspirante a pesquisadora. Me indaguei como poderia associar todos os meus gostos com a linha de pesquisa que optei, assim como com o tema de pesquisa da minha orientadora, que me deu total liberdade de escolha no que se refere ao caminho

que eu gostaria de seguir na dissertação. Assim, possibilitando que eu pesquisasse algo que me representasse como pesquisadora, bem como a que eu gostaria de “vir a ser”.

Por fim, a escolha de investigar acerca da construção discursiva dos torcedores sobre os corpos dos jogadores de futebol está ancorada na minha experiência enquanto torcedora, ou melhor, uma torcedora/aprendiz de pesquisadora. Assim, como na minha trajetória em que busco compreender e absorver aspectos dessa nova visão de mundo sobre o alto rendimento e sua cientificidade, mas agora atrelada a outra área do conhecimento, a área dos Estudos Organizacionais. Conseqüentemente, desbravando aspectos do futebol que acredito que eu mesma desconhecia até pouco tempo.

Então, essa investigação surge, em parte, de uma inquietação em relação a discursos que reduzem os atletas a “máquinas” ignorando o sujeito que performatiza a “identidade”<sup>4</sup> de jogador de futebol. Bem como, da ânsia em desvendar os discursos, de ídolo, herói, máquina, entre outros, são atribuídos ao que compreendemos que sobre “o que é ser jogador de futebol”, mas, a partir da perspectiva dos torcedores. Do mesmo modo que os jogadores exercem influência sobre nossa constituição subjetiva, nós, enquanto torcedores, também participamos ativamente de sua constituição e de seu processo contínuo de devir.

Portanto, evidenciando uma relação mútua em que a “identidade” do jogador de futebol não é formada de maneira isolada, mas que se constrói por meio e no meio das interações, discursos e afetos. Esses substantivos compõem um núcleo que atravessam as arquibancadas e os gramados, revelando a complexidade dos vínculos que sustentam o futebol e a complexidade do nosso devir.

---

<sup>4</sup> A identidade que trabalharemos nesta dissertação se refere a identidade performativa trabalhada por Butler. A autora compreende a identidade como algo construído por meio de atos, gestos, e comportamentos seriados a ser performados socialmente. Assim, evidencia que essas *performances* sociais não expressam uma identidade interna, mas uma ilusão de uma identidade estável e coerente (Butler, 2018).

## 2 O PONTA PÉ INICIAL

Ao longo dessa tentativa de me encaixar na Administração, quebrei a cabeça para enquadrar meu estudo na Administração, bem como em caracterizar sua relevância para a área. Quando desenhei o objeto a ser investigado em minha dissertação, o delineei a partir das minhas indagações sobre **como se daria a construção discursiva dos torcedores sobre os corpos dos jogadores de futebol?**

Deste modo, incorri no equívoco de, no início, insistir em compreendê-lo a partir de uma lente que não me cabia, até compreender a minha visão de mundo e concepções acerca do que são os Estudos Organizacionais na Administração, do que eu gostaria de estudar e como gostaria de conduzir essa pesquisa. Consequentemente, conforme assumo a perspectiva pós-estruturalista como a forma que passo a compreender, perceber e me posicionar no mundo, a minha pesquisa passa a fazer sentido para mim.

Passamos, nesta pesquisa, a compreender a Administração para além da concepção que nos é dada desde o século XX e que, de certa forma, nos “liberta” das amarras focadas no desenvolvimento de modelos de gestão. Transcendo, assim, o entendimento das “práticas de organizar” como mera padronização de eficiência que resulta na maximização dos resultados a serem atingidos e que se baseiam no gerencialismo, visão promulgado e perpetuado pela perspectiva funcionalista sobre as organizações (Carrieri, Perdigão & Aguiar, 2014).

Diante desse fato, a compreensão acerca das organizações, a partir dessa lente, nos apresenta um sistema social limitado que atua como uma ferramenta a fim de que o sistema de processos racionais atinja seu objetivo, uma vez que possuem estruturas específicas que operam racional e coerentemente visando suas metas (Duarte & Alcadipani, 2016).

Todavia, mediante a disseminação de novas perspectivas científicas, que visavam instigar a reflexividade acerca da produção do conhecimento científico, abriu-se caminho para o desenvolvimento de um saber a partir de outras lentes, como o pós-estruturalismo. Como resultado, essas novas visões impulsionaram a transformação e desnaturalização de noções impostas pela visão hegemônica, logo, incorporando e adotando novas concepções acerca do que compreendemos como organizações (Duarte & Alcadipani, 2016).

Assim, partimos da concepção de que as organizações são um complexo sistema constituído a partir de um processo histórico de conhecimento, conseqüentemente, nos habilitando a reconhecer como organizações outras formas para além daquelas definidas hegemonicamente (Tsoukas & Knudsen, 2005). Desta maneira, estudar outras formas de organização social implica em estudar, também, as “relações da(s) organização(ões) com a vida organizada” (Carrieri, 2014, p. 22) que se expressam por meio das múltiplas relações estabelecidas entre os sujeitos no que diz respeito a (re)produção de sua existência social a partir de estruturas específicas como, por exemplo, o capitalismo (Carrieri, 2014). Logo, podemos compreender o futebol como um recorte de pesquisa relevante a ser estudado a partir desse entendimento acerca das organizações na área de Estudos Organizacionais.

Diante dessa constatação, pesquisar sobre esse fenômeno em nosso campo de pesquisa nos permite explorar outras dimensões que extrapolam as áreas do conhecimento que usualmente o estudam, como a Educação Física, por exemplo. Porém, podemos perceber, a partir do levantamento acerca das produções científicas sobre futebol realizado pelo Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT), que há um crescimento no interesse de se investigar esse fenômeno dentro da Administração. Uma vez que foi constatado que a Administração é uma das áreas do conhecimento que mais vem se destacando no que diz respeito a publicações, estando na terceira colocação entre os Programas de Pós-Graduação que mais pesquisam sobre o tema no Brasil, com um número de 87 publicações relacionadas ao futebol o período estudado (Souza et al., 2019).

Segundo Souza *et al.* (2019), os temas mais estudados foram o espetáculo esportivo, estudos literários, mídia, violência, psicologia do esporte, política, pedagogia do futebol, linguística, legislação, lazer, jogos virtuais, identidade, iconografia, gênero, futebol de várzea, estudos históricos, estádios, biografia, atletas de futebol, agremiações entre outros. Nesses temas não sabemos quais estão sendo mais estudados da Administração especificamente, mas os autores sugerem que os estudos nessa área se voltam para “a necessidade de compreensão do processo de gestão do futebol brasileiro e das transformações econômicas e administrativas sofridas por esse esporte ao longo do tempo” (Souza et al., 2019, p.30).

Mas, nos temas que mais se aproximam está o tema “Atletas de Futebol”, mas com enfoque na formação do atleta, com 53 publicações, no que tange seu percurso enquanto atleta. No que diz respeito aos trabalhos de identidade, com

49 estudos publicados, sendo o foco das pesquisas se apresentam na abordagem da construção do nacionalismo, bem como nos estereótipos culturais. Enquanto nos linguísticos, com 47 publicações, aborda o estudo da linguagem humana em sua totalidade.

Isto posto, é relevante destacar o futebol como um fenômeno que transcende sua característica substantiva, que lhe é atribuída pelo dicionário. Conseqüentemente, o conduz a assumir um papel social, com função política e ideológica, ao posicioná-lo como um fenômeno sociocultural e econômico que influencia e é influenciado pelas “condições sociais, econômicas, políticas e culturais” (Abal & Lodi, 2021, p. 1; Vejmelka, 2018). Assim, também, o podemos compreender como um dos reflexos de uma das múltiplas formas de relações que os sujeitos são capazes de estabelecer entre eles e no que se refere aos meios de (re)produção de sua própria existência social (Correia & Carrieri, 2019).

Entretanto, pensando na constituição do tecido social brasileiro, percebemos que o futebol extravasa as quatro linhas do campo social e acaba por se integrar a nossa construção de identidade performática, tanto quanto sujeitos pertencentes a uma nação quanto no nosso processo de subjetivação enquanto sujeitos (Vejmelka, 2018). Em especial, a construção dessa “identidade dos jogadores de futebol” brasileiros e como a torcida influencia discursivamente nessa constituição do jogador-sujeito.

Frente a esse entendimento, percebemos os sujeitos como um “devir”, tal qual as organizações, pois estão constantemente envolvidos nesse contínuo processo de “tornar-se” algo ou alguém. Logo, partimos da premissa de que somos sujeitos produzidos por meio das normas, convenções, ritos, e discursos que atuam sobre ele, ao passo que ele atua sobre essas normas, mediante as relações de poder que nos perpassam, nos sujeitam e nos constituem (Foucault, 1995). Como também é necessário pensar, para além de toda esses meios de produção discursiva do sujeito, haja vista que a psique é um dos elementos fundamentais para esse “sujeito do devir” (Butler, 2022a) e, conseqüentemente, nos instigar a pensar as camadas subjetivas que constituem o futebol, tendo no jogador de futebol um sujeito relevante para o fenômeno e adotando o discurso da torcida sobre eles como central para o nosso objetivo de pesquisa.

Contudo, ao pontuar que há um sujeito que performatiza o ser jogador de futebol, pontuamos que ele é mais do que uma “máquina perfectível” de alto

rendimento que busca o resultado perfeito por meio da manipulação de técnicas científicas (Galak, Zoboli & Saliba Manske, 2020). Há para além desse jogador de futebol um sujeito que é, durante toda sua existência, subjetivado e constituído por meio das normas e discursos sociais que o atravessam mediante as relações de poder as que estão expostas, bem como os aspectos psíquicos que o forjam enquanto sujeito.

Consequentemente, esses são elementos que impactam na contínua construção de subjetividade e do sujeito que performatiza e performatizará a identidade (Butler, 2022a) de jogador de futebol completando, assim, o fluxo contínuo do “tornar-se” um sujeito ao longo de sua existência.

Ao investigarmos esse sujeito precisamos, também, desnaturalizar essa visão mecanicista do corpo do jogador de futebol como sendo primordialmente um conjunto de sistemas biológico (Galak, Zoboli & Saliba Manske, 2020). Assim como, superar essa perspectiva estruturalista da dualidade cartesiana que hierarquiza “corpo e mente”, que coloca a mente como detentora de todas as qualidades ao passo que se marginaliza o corpo (Rampazo et al., 2022).

Por conseguinte, é importante compreendermos o corpo e a mente como partes indissociáveis do sujeito, uma vez que é por meio dele que vivenciamos as influências das normas sociais que extrapolam sua compreensão fisiológica. Uma vez que, as relações de poder transformam nossos corpos em arenas onde as batalhas entre os poderes dessas relações se confrontam, assim, conectando nossas experiências subjetivas de mundo enquanto sujeitos a nossos corpos. Como resultado, nossos corpos assumem um papel de produto de uma construção discursiva, bem como de desejo e resistência frente a esse processo de construção discursiva do sujeito (Rampazo et al., 2022).

Logo, o discurso se torna um essencial para compreendermos esse sujeito/jogador de futebol que se constrói e se reconstrói. Assim, o discurso passa a ser entendido, a partir da perspectiva de Fairclough (2016, p. 95), como uma prática social “não apenas de representação de mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado”. Portanto, contribuindo para a constituição das dimensões da estrutura social em sua totalidade ao moldá-las e as restringí-las, consequentemente, atribuindo uma significação e ressignificação de mundo ao corpo, ao sujeito, ao jogador de futebol e ao próprio futebol.

Deste modo, jogaremos luz na relação jogador - torcedor, em como os sujeitos por trás dos jogadores são influenciados por meio da construção discursiva dos torcedores acerca de seus corpos. Conseqüentemente, em como essa relação torcedor e jogador “(re)produz[em], em certa medida, [uma] estrutura social das relações de poder e dominação” (Abal & Lodi, 2021, p. 1), impactando significativamente na subjetivação dos corpos dos jogadores, uma vez que “...a constituição do sujeito é pensada como resultado das relações de poder, no interior dos processos de interação social com os sistemas de significação e de representações culturais...” (Furlin, 2023, p.396).

Essa relação torcedor-jogador é uma relação de ir e vir, de sempre estar se “tornando” mediante a atuação das relações de poder, que se dão a partir da concepção de feixe, em que ambos se influenciam em suas constituições. Assim como, o jogador influencia a vida do torcedor, o torcedor também influencia os jogadores quando criam, por exemplo, um *disk* balada ou invadem os centros de treinamento (CT) na intenção de coagir os jogadores a apresentarem um melhor rendimento.

Evidenciando, assim, o poder que o torcedor exerce ao, discursivamente, atribuir uma significação ao jogador e esperar certos tipos de comportamento dele. Um exemplo dessa expectativa de comportamento se reflete na ideia de personificação da perfeição e da superação constante de seus próprios limites a fim de prover felicidade ao mundo (Dias & Sousa, 2012), ou seja, trazer os resultados esperados pelos torcedores e, assim, moldando o comportamento e discursos desses torcedores.

Assim, delimitemos como objetivo desta dissertação: **compreender a construção discursiva dos torcedores sobre os corpos dos jogadores de futebol**. Desta forma, como objetivos específicos, procuro explorar os elementos constitutivos do discurso sobre os jogadores de futebol, interpretar os discursos dos torcedores sobre os jogadores identificando as principais tendências de mudança discursivas e, por fim, descrever como os discursos dos torcedores se materializam nos corpos por meio das identidades performativas dos jogadores de futebol.

Por conseguinte, a primeira seção desta pesquisa trata o percurso metodológico desenhado para se alcançar o objetivo proposto. Logo, explicitando que parto de uma epistemologia pós-estruturalista tendo como teoria central a “Constituição do Ser”, que será fundamentada a partir das teorias elaboradas por

Foucault e Butler. Assim, posso classificar a pesquisa como qualitativa de caráter descritivo. Como resultado, a construção dos dados se dará a partir da elaboração de um *corpus* de pesquisa mediante discursos obtidos por meio documental, observação, bem como de entrevistas semi-estruturada, com torcedores que frequentem bares, estádios, entre outros lugares da cidade de Londrina–PR em que haja consumo do futebol. Como método de interpretação desses dados construídos utilizaremos a Teoria Social do Discurso, de Fairclough, para me subsidiar a realizar a abordagem teórico-analítica conhecida como Análise Crítica do Discurso (ACD).

A segunda seção é constituída a partir da desmistificação e desnaturalização da intercambialidade sujeito-indivíduo-pessoa. Assim, construindo um contraponto acerca da ideia de que estes termos são sinônimos, uma vez que somos mais que unidades biológicas, bem como os jogadores também o são. Por conseguinte, ao nos contrapomos a essa lógica acabamos refletindo acerca dos discursos hegemônicos que subjagam e reduzem o jogador a máquinas que desconsideram todo o processo de subjetivação por qual os jogadores passam para se tornarem sujeitos (Galak, Zoboli & Saliba Manske, 2020; Butler, 2022).

A terceira seção abordará discussões acerca das relações de poder como um relevante componente de nossa constituição enquanto sujeito. Na quarta seção abordarei o discurso em si, explorando as dimensões tridimensionais do discurso e em como podemos compreendê-lo como prática social e como o discurso dos torcedores se materializa nos corpos dos jogadores (Fairclough, 1995; Butler, 2021; 2022; 2022a).

Em seguida, a seção cinco aprofundará o debate sobre a formação discursiva do sujeito. Além de não nos reduzirmos a unidades biológicas, evidencia, também, nossa constituição por meio das normas sociais e sua força moral que nos produz discursivamente por meio da sujeição (Foucault, 1995). Como também por elementos da nossa psique ao desbravar outras formas de poder para além da moral, com o apego apaixonado, a negação parcial de nós mesmos e a exploração de nossos desejos por meio da manutenção de promessas (Butler, 2022).

Portanto, este trabalho visa contribuir na produção do conhecimento sobre futebol no que tange os Estudos Organizacionais, assim, desbravando outra perspectiva que nos permite explorar essas relações de poder que perpassam os corpos dos jogadores por meio dos discursos dos torcedores a fim de os sujeitar em sua ambivalência, bem como subjetivar os sujeitos que performatizam o papel de

jogadores de futebol na sociedade. Por fim, explorando os modos de compreender como os discursos dos torcedores constroem os corpos desses jogadores, sendo eles uma parte relevante das estruturas subjetivas que compõem o futebol.

### 3 CONSTRUINDO A ESTRATÉGIA DE JOGO

O percurso metodológico desta pesquisa se sustenta no propósito de se compreender a construção discursiva dos torcedores sobre os corpos dos jogadores de futebol. Assim, instigando reflexões, por meio da Análise Crítica do Discurso (ACD), acerca do discurso dos torcedores que objetifica e subjetiva os jogadores de futebol, logo, os constituindo enquanto sujeitos.

Nesse sentido, como constata Ferrari (2019, Da Silva & Schmidt, 2019, Dantas & Leo, 2023, Ribeiro & Pereira, 2025), o futebol possui uma ampla dimensão narrativa carregada de aspectos simbólicos que se alinham à constituição da sociedade brasileira, assim como ao torcedor. Segundo o autor, essa modalidade esportiva se pauta em seu expressivo apego popular que, no primeiro momento, é caracterizado como fonte de lazer dos operários ingleses. Posteriormente, se apropriam do esporte e passam a atribuir características elitistas, o transformando em mercadoria de massa “voltada para o espetáculo esportivo, o lucro [...]” (Ferrari, 2019, p.67), entre outros.

Deste modo, a espetacularização do futebol, alinhado com a mídia, produzem o fenômeno conhecido como atleta celebridade. Assim, os jogadores são convertidos em personagem que se tornam ferramentas de identificação para com o consumidor-espectador. Conseqüentemente, o torcedor é convertido em cliente e os jogadores e treinadores, nessa relação impulsionada pela espetacularização, se convertem em mercadorias que devem ser rentáveis para o mercado da bola (Da Silva & Schmidt, 2019). Logo, essa rentabilidade se vincula a objetificação discursiva do jogador por parte do torcedor, que é produzido e promovido pelo imaginário coletivo que exploram as dimensões narrativas do futebol.

A partir desse cenário, me deparei com alguns discursos acerca dos jogadores de futebol como, por exemplo, o discurso, que escutei por muito tempo, de que os atletas de alto rendimento são máquinas. Ou seja, que seus corpos eram compreendidos como um conjunto de sistemas fisiológicos, influenciado pelo pensamento mecanicista da época, ao compreendê-los como um sistema mecânico. Por conseguinte, os comparando com uma “máquina perfectível”, capaz de atingir seu rendimento máximo por meio da manipulação de técnicas cientificamente validadas (Galak, Zoboli & Saliba Manske, 2020).

Desta maneira, pude observar que há um discurso alinhado a “aura” do atleta de alto rendimento. Essa “aura” se dá por meio do discurso acerca do ídolo-herói. Esse discurso tem como base a concepção do herói clássico, pois a ênfase de sua história reside nos momentos de superação e grandes conquistas, resultantes de seus esforços, bem como de sua determinação e obstinação ao longo de sua história enquanto herói (Helal, 2003). Assim, construindo um modelo mental e referencial sobre a personificação da perfeição e da superação constante de seus próprios limites, logo, o idealizando, consciente ou inconscientemente, na figura de um “corpo máquina” (Dias & Sousa, 2012).

Contudo, como ressalta Helal (2003), o discurso do ídolo-herói para a sociedade brasileira acrescenta outros predicados para além do construído a partir da construção clássica. O brasileiro carrega todas essas representações e significados do herói clássico (superação, conquistas, determinação, extrapolar limites, entre outros). No entanto, a ênfase das conquistas, segundo os discursos, reside em características que os compreende socialmente como tipicamente brasileiras, tal como a “genialidade”, a “irreverência” ou a “malandragem”, que passam a constituir o discurso que transforma os jogadores brasileiros em ídolos-heróis (Helal, 2003, p.28). Mas vale ressaltar que os jogadores são constituídos como sujeitos a partir de uma ampla gama de discursos que intermedeiam as relações de poder e as lutas desses poderes em seus corpos. Voltaremos a esse assunto mais adiante.

Assim, pude constatar que a construção discursiva exerce uma importante influência sobre os corpos dos jogadores, ao torná-los personagens. Bem como, dispositivos de poder passíveis de serem assujeitados por meio das normas, regras e práticas sociais (Rampazo *et al.*, 2022). Conseqüentemente, enfatizando a adoção do discurso como prática social pela qual nos é oferecido uma representação de mundo e de significado ao construí-lo e constituí-lo ao nos sujeitar a esse longo processo de devir (Fairclough, 2016).

Desta maneira, aspiro, inicialmente, explorar meu posicionamento epistemológico em campo a partir da visão de mundo que assumi para mim e que faz mais sentido ao pensar o nosso estudo. Na sequência, faço uma explanação sobre a classificação geral da pesquisa ao especificar como se deu a construção dos dados, bem como a apresentação dos participantes e dos instrumentos utilizados. Ao final, abordarei o método de análise qualitativa denominada de Análise Crítica do Discurso (ACD) a partir da Teoria Social do Discurso, de Fairclough. Ao mesmo tempo, me

apoio em Foucault e Butler como base teórica para realizar a ACD e responder a seguinte questão: **como se dá a construção discursiva dos torcedores sobre os corpos dos jogadores de futebol?**

### 3.1 SE POSICIONANDO EM CAMPO

Como mencionado anteriormente, neste momento da dissertação dedico-me a aprofundar o meu posicionamento epistemológico. Nesse sentido, considero relevante reafirmá-lo ao me alinhar à perspectiva de Ladson-Billings (2006, p. 259) sobre a epistemologia como “mais do que uma ‘forma de conhecer’ [...] a epistemologia é compreendida como um ‘sistema de conhecer’ que possui uma lógica interna e uma validade externa”.

Desta maneira, me embaso em uma perspectiva que se sustenta no modo como olho e interpreto o mundo. Ou seja, em como o meu processo de construção de conhecimento, e espero que o seu também, se transforma ao (re)criar relações dinâmicas e recíprocas entre o **“que”** conheço e o **“como”** interpreto a realidade. Assim, desenvolvendo um sistema de conhecimento que se retroalimenta nessa relação saber e interpretação de mundo. Conseqüentemente, optei por adotar, dentre as inúmeras perspectivas teóricas possíveis dentro do subjetivismo, o pós-estruturalismo, ao compreender que suas postulações filosóficas me fornecem um contexto mais adequado para as lógicas e critérios metodológicos que me propus a aplicar nesta investigação.

Além disso, passo a pensar os corpos fora dos conjuntos de racionalidades que nos é posta pelo pensamento cartesiano hierarquizante sobre corpo e mente. O penso a partir de suas constituições enquanto sujeitos em sua integralidade, bem como seus processos de objetificação e subjetivação. Uma vez que, esse pensar não significa uma simples oposição ao que está estabelecido, mas uma possibilidade de me aprofundar e entender os corpos como um agente ativo, pois o corpo não se restringe apenas a um “produto passível do discurso”, mas como um instrumento de expressão, bem como um espaço de resistência para a “identidade” (Rampazo *et al.*, 2022, p.2).

Tal pensamento me instigou a investigar para além do atleta biológico e técnico que entra em campo, mas, também, para o atleta-sujeito que ao entrar em

campo carrega consigo a razão, a técnica, suas subjetividades, sua história, as pressões sociais e sobre resultados, objetivos de vidas, enfim, entra e todos os aspectos nos quais ele está sendo constituído. Entretanto, na maior parte do tempo, esse sujeito é negligenciado, uma vez que o pensamento cartesiano dicotômico entre “corpo/mente” vem à tona, pois essa dicotomia expõe essa hierarquização da mente como racional e superior ao corpo, assim, o vinculando a qualidades inferiores como a emoção (Rampazo *et al.*, 2022).

Logo me surge a pergunta: onde Zidane estava com a cabeça na final da Copa do Mundo da Alemanha em 2006?

Bom, a resposta é simples e emblemática: no peito de Materazzi, resultando em sua expulsão e mais um título de Copa do Mundo para a seleção italiana de futebol. Esse episódio evidencia essa dinâmica cartesiana hierarquizante entre corpo e mente, uma vez que a reação de Zidane é vista como um exemplo de uma falta de “controle racional”, ou seja, mente, assim, desconsiderando o sujeito ao subestimar a influência das emoções, dos aspectos psicológicos, das subjetividades e contextuais do episódio.

Deste modo, o pós-estruturalismo “pode ser caracterizado como um modo de pensamento, um estilo de filosofar e uma forma de escrita” que não deve ser reduzido a um conjunto de postulações compartilhadas ou um método, haja vista sua interdisciplinaridade ao “corporificarem diferentes formas de prática crítica” (Peters, 2000, pp. 28-29). Passam a questionar, ao adotar o antifundacionismo, o cientificismos das ciências humanas, bem como o racionalismo e o realismo resgatado pelo estruturalismo do positivismo (Peters, 2000). Contudo, não se pode colocá-lo na posição de anti-humanismo ou em prol do irracionalismo (Antes & Jacondino, 2020), sua crítica à racionalidade ocidental reside na “concepção de razão como substância inerente à condição humana, definindo uma forma de ser humano, de pensar e de existir, o que gerou efeitos de exclusão e patologização” (dos Santos Costa Júnior, 2022, p. 96)

Assim, o pós-estruturalismo demonstra um “renovado interesse por uma história crítica, ao se centrar na análise diacrônica, na mutação na transformação e na descontinuidade das estruturas” (Peters, 2000, p. 39), por exemplo. Conseqüentemente, refutando essa pretensão do estruturalismo em identificar estruturas e verdades universais que homogeneiza culturas e à própria mente humana (Peters, 2000)

Como resultado, Nietzsche passa a ser considerado como uma das principais influências do pós-estruturalismo, uma vez que apresenta uma leitura diferenciada das leituras apresentadas pelos estruturalistas como Marx e Freud, por exemplo. Tal *status* lhe foi atribuído por privilegiar um olhar mais atento a questões sobre poder e desejo, além de conceber o sujeito a partir de “toda sua complexidade histórica e cultural - um sujeito ‘descentrado’...um sujeito discursivamente construído” (Peters, 2000, p. 33).

A partir dessa perspectiva acerca do sujeito, o pós-estruturalismo visa superar a visão essencialista, ao desconstruir as concepções centradas no determinismo das relações estruturais, ao perceber como o sujeito é constituído por

diferentes identidades que delimitam as práticas sociais e culturais, discursiva ou não discursivas e que também se encontram nas relações de poder e saber entre os grupos e instituições, as quais passam a ser vistos com outras identidades que estavam ocultas pelo discurso hegemônico (Casali & Gonçalves, 2018, p.86).

Afinal, os atletas de alto rendimento também são sujeitos que estão subjugados pelos discursos presentes nas relações de poder e saber promovidos por esses grupos e instituições, bem como por outros atores sociais. Muitas vezes esse processo de assujeitamento pelo qual o atleta é submetido é promovido por meio de violências físicas, verbais e ideológicas que, direta e indiretamente, moldam o corpo e a “alma” aos parâmetros dessa subjugação, produzindo, conseqüentemente, corpos dóceis e produtivos ao sistema como a concepção de corpos-máquinas dos atletas, pois “o corpo só se torna útil se é ao mesmo tempo, corpo produtivo e corpo submisso” (Foucault, 2014, p. 29).

Para Butler (2022) essa sujeição implica tanto na subordinação ao poder quanto ao processo de subjetivação, sendo o poder entendido

como algo que forma o sujeito, que determina a própria condição de sua existência e a trajetória do seu próprio desejo, o poder não é mais aquilo a que nos opomos, mas também, e de modo bem marcado, aquilo de dependemos para existir e que abrigamos e preservamos nos seres que somos (Butler, 2022, p.10).

Evidenciando-se, assim, outro elemento central aos estudos pós-estruturalista, para além do intuito de se compreender a estrutura da organização social, há um intento de se compreender como se dá a organização das relações de poder existentes na sociedade. Relações essas que não mais se restringem aos aspectos econômicos, assim, os transcendendo e se apresentando nas mais variadas

formas de assujeitamento (Casali & Gonçalves, 2018). Bem como nos incita a pensar sobre essas relações de poder a partir das “oposições históricas entre organização e mudança, ordem e desordem, organização e desorganização...” (Benozzo, 2018, p.90, tradução nossa), posto que o pós-estruturalismo não nega as estruturas, mas as destaca ao se sustentar em suas contradições, assim, só se tornando compreensível a partir dessas oposições (Casali & Gonçalves, 2018).

Portanto, como podemos observar, o pós-estruturalismo rompe com a centralidade do sujeito moderno, como visto anteriormente, ao se afastar do sujeito essencialista e universal e nos permitindo compreender o sujeito como suas diferentes vivências em diferentes contextos. Percebendo as estruturas não apenas como elementos de constituição desse sujeito, mas como elementos que o influenciam e os coloca em diferentes posições a partir das escolhas dos sujeitos (Aguilar & Gonçalves, 2017).

### 3.2 MAPEAMENTO METODOLOGICAMENTE O JOGO

Ao longo da construção desta dissertação, esta pesquisa foi ganhando vida própria até se impor enquanto uma pesquisa de caráter teórico-empírico de natureza qualitativa de caráter descritivo.

### 3.3 O CAMPO DE JOGO

A construção dos dados se deu em um bar da cidade de Londrina – Paraná. Se apresenta como um dos bares mais antigos da cidade, com mais de 75 anos de história e um ambiente apto para os torcedores se reunirem para assistir aos jogos do seu time. Visando tal público, possuem uma programação semanal para divulgar os jogos que serão transmitidos na semana.

### 3.4 ESCALANDO OS JOGADORES

A pesquisa contou a colaboração de 14 participantes, 7 mulheres e 7 homens, que se identificam como torcedores, que tivessem mais de 18 anos. Contou com a participação de torcedores de várias equipes de futebol, de várias idades e de ambos os gêneros.

**Quadro 1** - Informações sobre os participantes

<b>Entrevista</b>	<b>Nomes Fictícios</b>
Entrevista 1	Gustavo
Entrevista 2	Tamires
Entrevista 3	Jéssica e Marcelo
Entrevista 4	Camila e Bárbara
Entrevista 5	Pablo
Entrevista 6	Everton
Entrevista 7	Fernando
Entrevista 8	Carla e Renato
Entrevista 9	Angélica
Entrevista 10	Diego
Entrevista 11	Thaís

Fonte: autoria própria (2025)

### 3.5 ESCALANDO OS PARTICIPANTES

O recorte dos participantes se deu por compreender que os torcedores são uma parte relevante para o fenômeno futebol. Isto posto, o torcedor vem despontando como um dos protagonistas do espetáculo futebolístico, sendo um dos principais responsáveis em assumir as arquibancadas e desenvolver, com esses espaços, sentimentos que reverberam no próprio espetáculo (Batista & Abrahão, 2022).

Assim, o torcedor (re)produz discursos que também perpassam os jogadores, por meio das relações de poder estabelecidas pela relação jogador-torcedor. Por conseguinte, essa relação torcedor-jogador evidencia uma complexa dinâmica de relações que impactam diretamente na subjetivação dos jogadores, ou seja, no processo de se tornarem sujeitos. Deste modo, pode-se compreender essa relação como a tradução de um sentimento de pertencimento que reflete na interação e relações que o torcedor passa a ter com todos os atores que se encontram envolvidos com o seu clube “do coração”, sendo o jogador de futebol um dos principais atores desse fenômeno (Jahnecka, 2010).

### 3.5 CONSTRUINDO E INTERPRETANDO OS DADOS DO JOGO

No primeiro momento, como elemento do *corpus* da pesquisa, interpretei documentos publicados na *internet*, como reportagens, vídeos, *YouTube*, postagens no *Instagram*, *TikTok* e *X*. Essas fontes digitais ofereceram um amplo material, uma vez que (re)produzem as dinâmicas de comunicação contemporâneas, bem como das interações e produções de conhecimento. Se tornam relevantes ao passo que são reconhecidos como espaços discursivos de disseminação de informação e propaganda por meio de discursos e impactam diretamente em como esse material será produzido, disseminado e assimilado (Lemos, 2007).

Em um segundo momento, trago algumas observações dos dias em que estive em campo e se fazem relevantes, visto que o cotidiano passa a representar um aspecto relevante para nossa pesquisa, uma vez que a cultura futebolística brasileira está enraizada em nossa sociedade e assume o caráter de um fenômeno sociocultural que impacta a nossa organização social significativamente (Abal & Lodi, 2021, p. 1; Vejmelka, 2018).

Imergir nesse campo implica em perceber “pequenos” incidentes que compõe o nosso dia a dia, ao me atentar “às coisas que estão acontecendo e que podem trazer pistas valiosas sobre o problema de pesquisa”, conseqüentemente, nos fornece ricos insumos para podermos encontrar respostas, independente de qual ela seja, a fim de compreender a constituição dos jogadores de futebol a partir dos discursos dos torcedores (Spink, 2010, p.55).

Para construir os dados recorri a entrevistas semi-estruturadas que contam com 6 (seis) norteadoras, ao mesmo tempo que flexibilizam a inserção de novas perguntas ao longo da entrevista. Nesta fase me parece interessante por compreendê-la como um instrumento relevante e que nos permite “descobrir o significado da vida de um pessoa ou parte da vida, bem como permite uma compreensão de nós mesmos como investigadores” (Janesick, 2014, p.302, tradução nossa), mas como também nos permite construir em conjunto significados relativos ao objeto da pesquisa (Janesick, 2014), significados esses que impactam diretamente na construção discursiva dos torcedores que também influencia na constituição do jogador de futebol.

Assim, as perguntas norteadoras foram:

- Para você, o que é ser torcedor?

- Para você, o que é ser jogador de futebol?
- Qual é a relação desenvolvida entre o torcedor e o jogador de futebol?
- Para você, o torcedor pode influenciar o jogador de futebol?
- Por que o torcedor influencia o jogador de futebol?
- Como o torcedor influencia o jogador de futebol?

As perguntas foram elaboradas, estrategicamente, visando aprofundar a compreensão discursiva dos torcedores sobre os corpos dos jogadores de futebol. Assim, a pergunta inicial visa compreender o entendimento do participante sobre o papel social de torcedor, bem como explorar os elementos constitutivos desses discursos. Por conseguinte, a segunda questão começamos a desvendar as construções discursivas dos torcedores sobre os jogadores de futebol, sendo esse um dos discursos que objetiva, mas, também, participa ativamente do processo de subjetivação do jogador de futebol.

Consequentemente, a terceira questão visa compreender a visão do torcedor sobre a relação construída, logo, buscando compreender, a partir do discurso, como se dá às relações de poder intrínsecas no discurso a partir dessa relação. Portanto, as três últimas perguntas buscam compreender a percepção do torcedor sobre como o discurso dele impacta o processo de subjetivação do jogador enquanto sujeito

Os dados foram interpretados por meio de uma abordagem teórico-analítica presente no campo da análise crítica do discurso (ACD), conhecida como a Teoria Social do Discurso de Fairclough. Quando pensamos em discurso, o senso comum nos remonta, usualmente, a um evento linguístico que nos é apresentada na forma de comunicação verbal ou escrita, que visa nos possibilitar de expressar ideias, opiniões, emoções, entre outras coisas, que pode estar associado tanto as formalidades quanto a conversas cotidianas. Contudo, o discurso, ao menos o que nos propomos a estudar nesta pesquisa, ultrapassa essa concepção, uma vez que é por meio dele que construímos e constituímos o mundo como conhecemos (Fairclough, 2016).

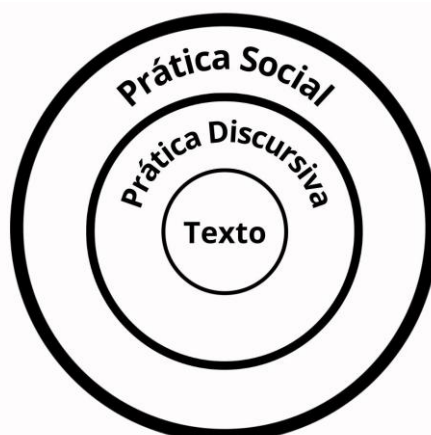
Assim, compreendemos o discurso como algo a mais do que apenas a língua, pois quando nos referimos ao discurso também estamos falando sobre os aspectos sócio-históricos demarcados na linguagem que nos permite perceber a intertextualidade das práticas discursivas constitutivas do discurso enquanto prática social (Coimbra & Souza, 2023; Fairclough, 2016). Por conseguinte,

constatamos a complexidade acerca do discurso como uma prática social, uma vez que ele transcende sua mera função de se comunicar e passa a ser compreendido “como uma prática, não apenas de representação de mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significados” (Fairclough, 2016, p. 95).

Por conseguinte, extrapolamos a concepção meramente linguística, aquela fundamentada no “significado” e “significante” desenvolvida por Saussure, a partir de uma perspectiva estruturalista (Fairclough, 2016). Começamos, então, a perceber o discurso como uma prática social promovida por meio da linguagem, que atua direta e indiretamente nos processos de interação social que, por sua vez, constituem um sistema, ao invés de esquema, de significações e representações de mundo (Orlandi, 1983; Furlin, 2013).

Justamente por se originar dos processos de interação social, a constituição discursiva da sociedade não surge de ideias soltas presentes na mente dos sujeitos, até porque o discurso é socialmente constitutivo. Ou seja, é construído coletivamente a partir de uma relação dialética, constituindo, assim, todas as dimensões que compõe a estrutura social tal qual a conhecemos, mediante as normas, convenções, identidades, instituições e relações. Deste modo, o discurso contribui e impacta na construção das relações sociais que resultam na construção de um sistema de conhecimento e crenças que nos moldam e nos restringem quanto sujeitos e sociedade (Foucault, 1995; Fairclough, 2016).

Nesse sentido, a linguagem se reveste de um processo social que está condicionado ao socialmente. Por conseguinte, os fenômenos linguísticos podem ser considerados fenômenos sociais, uma vez que o falar, o escutar, o escrever e o ler são modos determinados socialmente e possui efeito social. O contrário também é verdadeiro, pois os fenômenos sociais são linguísticos no sentido que suas atividades, acontecem no contexto social, não podendo serem consideradas meros reflexos e expressões os processos práticos e sociais, visto que são partes desse processo (Fairclough, 1996), como demonstra a figura 1, logo abaixo:

**Figura 1** - Concepção Tridimensional do Discurso

Fonte: Adaptado de Fairclough, 2016.

Deste modo, com a finalidade de tornar mais didática a explicação sobre a complexidade do conceito de discurso elaborado por Fairclough, em sua Teoria Social do Discurso. O autor desenvolveu um modelo tridimensional (figura 1) a fim de desvelar como o discurso opera em seus diferentes níveis e contextos (Ribeiro, Marchiori & Vilaça, 2010). Assim, o segmentou em três dimensões, que interagem simultaneamente entre si, sendo elas a textual, as práticas discursivas e por fim as práticas sociais. Deste modo nos permitindo tecer análises mais abrangentes que conectam aspectos linguísticos aos contextos sociais, bem como às dinâmicas de poder (Fairclough, 2016).

### 3.5.1 Dimensão Textual

Deste modo, a dimensão textual possui um caráter descritivo e com foco na organização linguística, ou seja, a análise desta dimensão é focada em quatro elementos, sendo eles os referentes a gramática, ao vocabulário, a coesão e a estrutura textual (Ribeiro, Marchiori & Vilaça, 2010). No que tange as questões gramaticais, sua principal unidade a ser analisada é a oração, que é considerada multifuncional, visto que é constituída a partir da combinação de significados ideacionais, interpessoais e textuais (Fairclough, 2016).

Ao passo que o vocabulário, para Fairclough (2016), se inicia a partir da percepção de que as palavras não possuem um significado estático e muito menos restrito ao que encontramos no dicionário. Uma vez que a língua é viva e as palavras

se sobrepõem como resultado da competição promovida pelos diferentes domínios do conhecimento, dos valores e do modo de compreender o mundo.

Por conseguinte, sua análise possui como foco as variadas lexicalizações e a significação política e ideológica, características que possibilitam a rearticulação das significâncias, resultando na 'relexicalização'. Tal movimento é visto como parte do resultado das lutas sociais e políticas que desnaturalizam preconceitos, injustiças e desigualdade que perpetuam estruturas de dominação (Fairclough, 2016).

A coesão se refere a como se dá as ligações da gramática, ou seja, das orações para construir as frases. Essas conexões podem ocorrer mediante o uso dos próprios elementos da dimensão textual como, por exemplo, a utilização do recurso dos sinônimos que substituem palavras que não provoquem a alteração do sentido da frase. Bem como, mediante os mecanismos conhecidos como de referência/substituição ou mesmo o uso de conjunções (Fairclough, 2016).

### 3.5.2 A Prática Discursiva

A prática discursiva é uma dimensão que exige dos sujeitos participantes o uso de suas capacidades sociocognitivas como recurso, visto que ao interpretarem esses discursos acabam por os interiorizar, ao reproduzirem e distribuírem as informações a partir de suas interpretações. Assim, os sujeitos acabam carregando consigo essas interpretações interiorizadas e naturalizadas, geralmente de forma inconsciente e automática, para o momento que o processamento textual ocorre (Fairclough, 2016).

E é nessa etapa que interpretação da dimensão textual passa a ter sentido como, por exemplo, ao metaforizar a experiência, também estamos metaforizando a realidade, assim, externando discursos naturalizados “no interior de uma cultura particular que as pessoas não apenas deixam de percebê-las na maior parte do tempo, como consideram extremamente difícil escapar delas no discurso, no pensamento ou na ação, mesmo quando se chama a atenção para isso” (Fairclough, 2016, p. 251).

Desta maneira, outro aspecto relevante da prática discursiva é a intertextualidade, que consiste “basicamente [na] propriedade que têm os textos de serem cheios de fragmento de outros textos, que podem ser delimitados

explicitamente ou mesclados e que o texto pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente, e assim por diante [...]” (Fairclough, 2016, p. 119). Por conseguinte, a intertextualidade evidencia a historicidade que resulta em um acréscimo às “cadeias de comunicação”.

### 3.5.3 A Prática Social

Logo, a dimensão das práticas sociais do discurso, segundo Fairclough (2016), explora a concepção do poder ao vinculá-los aos aspectos ideológicos e hegemônicos que estão presentes no discurso (presentes na dimensão textual e na prática discursiva). No que tange aos aspectos ideológicos, o autor entende ideologia como sendo

significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais), que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação (Fairclough, 2016, p. 122).

Contudo, para a construção do seu entendimento acerca do que seria a ideologia, Fairclough (2016) apresenta suas bases teóricas que consiste em três asserções. A primeira diz respeito à presença da materialidade nas práticas institucionais, o que possibilita se estudar as práticas discursivas no que diz respeito às suas formas materiais de ideologia. A segunda se refere à interpelação do sujeito pela ideologia, conseqüentemente, concebendo a constituição do sujeito como um “efeito ideológico” dessa interpelação ideológica na qual o sujeito se constitui. Por fim, a terceira asserção aborda os “aparelhos ideológicos de estado” (Fairclough, 2016, p. 122) como um espaço delimitador de lutas ressaltadas e viabilizadas pelo discurso.

Assim, são por meio dessas lutas que ocorrem as transformações sociais. Uma vez que é a partir dessa luta ideológica que somos capazes de impactar as práticas discursivas, pois as investimos de ideologia ao passo que incorporamos os significados. Logo, sendo capaz de remodelar as práticas discursivas à medida que se constrói ou reconstrói as estruturas sociais e, conseqüentemente, resulta na promoção de transformações que impactam as relações de dominação (Fairclough, 2016).

Uma característica que deve ser ressaltada é como a ideologia também se conecta com a dimensão textual, ao identificar a ideologia, por exemplo, no uso estratégico de palavras que carregam consigo “sentidos” ideológicos, refletindo, assim, a relevância que a ideologia possui em nossa constituição quanto sujeitos. Contudo, usualmente, essas ideologias acabam sendo naturalizadas no sujeito e acabam sendo incorporadas automaticamente em nosso cotidiano, assim, acabamos por não perceber a influência ideológica que somos expostos e constituídos como sujeitos, pois tais práticas sociais são tidas como normais e passam despercebidas por nós (Fairclough, 2016).

### 3.6 FAIR PLAY DA PESQUISA

Por se tratar de uma pesquisa que abordará direta e indiretamente os participantes desta pesquisa por meio da entrevista semiestruturada, há que se atentar ao cuidado ético necessário. Tal cuidado se torna patente desde o primeiro momento ao submeter este projeto da pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e, apenas mediante aprovação nesta instância. Por conseguinte, a presente pesquisa recebeu o parecer substanciado do CEP da Universidade Estadual de Londrina no dia 30 de setembro de 2025, sob o número de Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 90190125.0.0000.5231.

No que tange às entrevistas, inicialmente, foi realizada uma abordagem informativa com a finalidade de esclarecer sobre temas importantes referentes à pesquisa, já a título de participação disponibilizado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para que se registrasse o aceite do participante por desejo próprio de participar da pesquisa. Ou seja, um termo que evidencie a concordância voluntária a partir de informações completas e transparentes sobre a natureza da pesquisa e reflita o respeito à liberdade dos participantes por parte da pesquisadora (Christians, 2006). Bem como assegure que não houve nenhum tipo de coerção, seja física ou psicológica, para a sua participação.

O TCLE é um documento que não apenas visa oferecer garantias de que o participante esteja ciente de sua participação, mas também visa garantir que nenhuma informação sensível à identidade ou que facilite a identificação do participante poderá constar ao longo do estudo, podendo, assim, adotar o uso de

nomes fictícios e ocultar acontecimentos relatados em entrevista que sejam singulares e de fácil identificação de algum dos participantes já na fase de interpretação dos dados.

Logo, para garantir a confidencialidade do participante e suas informações, foram adotados nomes fictícios, e a entrevista foi registrada a partir do aplicativo de gravação de áudio, foi utilizado um celular Iphone 15 com sistema iOS 26. Por conseguinte, a armazenagem por parte da pesquisadora está protegida por senhas no computador da pesquisadora, assim, garantindo que nenhum dos dados dos participantes serão armazenados em nuvens, assegurando que não terão registros em ambiente virtual.

Para transcrição das entrevistas utilizei o do próprio aplicativo, para uma melhor precisão também utilizei o site de inteligência artificial para transcrição *Assemblyai* ([assemblyai.com/ playground](https://assemblyai.com/playground)). Posteriormente, realizei uma revisão das entrevistas, as escutando e corrigindo erros de transcrições ou do barulho do ambiente, visto que as entrevistas estavam sendo realizadas em um bar.

O percurso metodológico está exaustivamente descritivo, objetivando, assim, trabalharmos com a precisão das informações a fim de asseverar a não utilização de meios fraudulentos e/ou com omissões de informações. Outro aspecto ético desta pesquisa envolve os danos psicológicos que a entrevista poderia acarretar ao levar potencialmente o participante a reviver situações dolorosas e de conflito interno que desperte traumas que podem promover alterações de visão de mundo, bem como de relacionamentos e comportamentos em função das reflexões geradas pela pesquisa. Conseqüentemente, para amenizar tais riscos será ofertado, àqueles que necessitarem, apoio psicológico profissional necessário.

Portanto, caso haja algum prejuízo financeiro aos participantes ao longo da realização desta pesquisa, os custos serão reembolsados com recursos próprios da pesquisadora. Por fim, não há como estimar de antemão a quantidade de participantes que participarão dessa segunda fase da pesquisa, uma vez que por se tratar de uma pesquisa qualitativa somente em campo poderemos encontrar a resposta acerca desse aspecto da pesquisa.

#### 4 AS VOZES DA ARQUIBANCADA

A palavra “torcer” é classificada gramaticalmente como um verbo regular na língua portuguesa. Segundo as normas de regência, ela pode ser entendida como um verbo transitivo (direto e indireto), intransitivo e pronominal, logo, a relevância da regência reside na construção das relações de sentidos estabelecidas e empregadas no discurso (Cunha & Cintra, 2016).

Sendo assim, trabalharemos o verbo em seu sentido transitivo indireto. Ou seja, transitivo, pois “o processo verbal não está integralmente contido nela, mas se transmite aos outros elementos” e indireto porque a ação expressa pelo verbo torcer — no sentido usado nesta pesquisa — “transita para outros elementos da oração [...] indiretamente, isto é, por meio da preposição [...] o termo da oração que completa o sentido de um verbo transitivo indireto denomina-se objeto indireto” (Cunha & Cintra, 2016, p.150). Por conseguinte, atribui-se ao “torcer” a função sintática de núcleo do predicado verbal.

Inicialmente, no Brasil, o significado de “torcer” carregava consigo práticas que indicavam, como traz Oliveira (2018, p. 88), “um movimento de modificação no corpo de um objeto, ou, por analogia, na moralidade, caráter ou sexualidade de uma pessoa, ou grupo de pessoas”. No entanto, atualmente, há quatorze (14) significados atribuídos ao verbo torcer, conforme o dicionário Priberam (2008 - 2025). Porém, apenas o sentido nove (9) corresponde ao qual iremos trabalhar, que é o de “dar apoio a ou esperar resultado positivo de (ex.: estamos a torcer por ti)”. Assim, identificando as vozes das arquibancadas como os torcedores que têm como ação o “torcer”.

Enquanto a palavra “torcedor” pode ser classificada como adjetivo, substantivo masculino e pensando no contexto brasileiro, como especifica o dicionário Priberam (2008 - 2025): “[Brasil] Que ou quem é apoiante de esportista, ou de equipe de esporte. = ADEPTO”. Deste modo, o torcedor, como aquele que exercer a função sintática vista como o núcleo do predicado verbal, é concebido como um sujeito apaixonado por uma equipe, que se coloca em uma posição de fidelidade às cores e ao escudo dessa equipe, um sujeito que executa o ato de torcer (Alino-Silva, 2019). Bem como carrega consigo o peso que lhe é atribuído devido à sua alta carga emocional, de dores, de experiências, comportamentos, entre outros aspectos que o caracterizam (Coutinho, 2023).

São sujeitos que se identificam com algo, nesse caso clubes de futebol, e acabam por desenvolver sentimentos tal qual cólera, calma, amor, ódio, temor, vergonha, inveja, entre outros. Sendo esses os elementos que os impulsionam a acompanhar e incentivar seu time de “coração”. Algumas vezes, até os aderir de modo incondicional ao estabelecerem vínculos afetivos de pertencimento clubístico (Theobald et al., 2020; Batista & Abrahão, 2022).

Nesse sentido, a fala dos participantes da pesquisa corrobora essa compreensão quando eles dizem que:

Ser torcedor é [...] é uma **paixão**. Eu não sei de onde surge essa **paixão**, pode ser de pai para filho, pode ser sei lá. [...] mas é uma coisa, assim, que você não sabe explicar. Tipo, eu torço. Às vezes, eu queria até ser menos torcedor, assim, ficar menos puto quando meu time perde, ficar, tipo, menos preocupado, menos ansioso, mas é uma coisa assim que você meio que não escolhe [...] aconteceu naturalmente. Então, ser torcedor é você ter disposição para acompanhar algo que talvez nem te dê retorno nenhum, a não ser tipo questão de ser feliz quando ganha, [...] ter um tempo, tipo, separar um tempo para acompanhar ele em tudo, assim, notícias, jogos e ir no estádio. E ser torcedor é uma paixão que você não consegue explicar [...] (Gustavo).

Eu acho que é bem irracional. Nossa, é meio, tipo... Vai além do... Não sei, cara. Vai além dos **sentimentos**. É muito bizarro [...] É uma parada de afetar o **emocional** (Camila).

É fazer parte de uma comunidade. É fazer parte de uma... De um grupo de **pertencimento**, entende? Toda vez que eu vou no Maracanã e desço a rampa do Maracanã após o jogo, eu fico um tempo curtindo os meus ali, entende? Então é isso, torcedor, para mim, é quase uma coisa... Eu não gosto de falar que é quase uma religião, não, acho que não tem a ver com isso [...] (Everton).

A partir desses trechos, a parte textual nos mostra que o ato de torcer precisa transitar por uma preposição para chegar ao objeto indireto, o torcer precisa dos “**sentimentos**”, da “**paixão**”, do “**pertencimento**” e de “**curtir os seus**” para que a ação de “dar apoio” chegue ao “jogador”, assim, estabelecendo uma construção de sentido ao verbo torcer. Desta forma, como o verbo torcer é um verbo de ação, observamos que os discursos dos participantes, ao se colocarem como torcedores e se utilizarem da voz ativa, eles se colocam no papel de executores dessa ação, ou seja, de apoiadores que possuem a “disposição para acompanhar algo [...] separar um tempo para acompanhar ele em tudo [...] notícias, jogos e ir no estádio”. Bem como se colocam como um sujeito apaixonado, que a ação “vai além dos sentimentos”, que é uma ação “irracional” que gera uma ampla gama de sensações, até a de pertencer a um grupo aos “seus”.

Quando adentramos a prática discursiva desse “ser torcedor”, Gustavo diz não saber de onde surge essa paixão, ao mesmo tempo que opina sobre a possibilidade de ser algo geracional passado “de pai para filho [...] sei lá”. Ao serem questionados sobre o que os fez torcedores, muitos relatam a influência do núcleo familiar ou de amigos próximos, como podemos ver a seguir:

[...] meu **tio** jogou no Londrina na década de 50 , eu acho, e **meu pai** sempre acompanhava meu tio, né! Ele [o pai] não jogava, mas, enfim, eu comecei a jogar futebol desde os três (3) anos de idade. Então, acho que eu nasci inserida no meio do futebol (Tamires).

Ah eu acho que não sei, foi... foi natural, foi **desde criança**, desde sei lá... muito novo acompanhava **meus pais** assistindo e meu pai [...] é palmeirense. Então, acho que foi algo natural (Marcelo).

[.] foi por influência **dele** (esse “dele” se refere ao Marcelo). Eu não imaginei que fosse gostar tanto depois (Jéssica).

[...] **cresci com vários primos** homens. E a gente sempre brincava de futebol e assistia futebol. Então, eu acho que veio disso. Mas eu torço para o Corinthians e eles torcem para outros times (Camila).

Logo, por se tratar de um fenômeno sociocultural e econômico, que, de certa forma, forja a identidade performática brasileira, os discursos que o permeiam enquanto fenômeno estão naturalizados. Ou seja, são discursos coletivamente constituídos que nos atravessam inconscientemente e são carregados de crenças compartilhadas, assim, entrelaçando a dimensão da prática discursiva com a prática social a fim de construir as subjetividades dos sujeitos (Fairclough, 2016) enquanto torcedores.

Mas, retomando a prática discursiva, constatamos que, como visto acima (as palavras em negrito), esses discursos partem de um lugar de afeto, ou melhor, a partir das relações sociais que se sustentam por vínculos prévios de afeto, como pais, parentes, companheiros, amigos, entre outros. Butler (2022), ao teorizar sobre a constituição do sujeito, nos apresenta o apego apaixonado como um elemento relevante no processo contínuo de “devir” do sujeito. Assim, iremos nos apropriar dele, uma vez que a prática discursiva o evoca como um “canal”<sup>5</sup> de disseminação desse discurso.

Nesse sentido, Butler (2022) trabalha a concepção de apego apaixonado como uma conexão previamente estabelecida, antes mesmo da nossa

---

<sup>5</sup> Canal: como o meio físico pelo qual a mensagem — discurso — é veiculada, permitindo, assim, que a mensagem chegue de forma mais apropriada ao receptor (Medeiros & Hernandez, 2010).

existência e de nos tornarmos conscientes de nós mesmos. Deste modo, nos tornamos dependentes dessas conexões prévias não apenas para existirmos, mas também para nos constituirmos até que sejamos capazes de discernir sobre esses vínculos prévios. A partir dessa lógica do apego apaixonado, podemos materializar sua operacionalização a partir desse “acho que eu nasci inserida no meio do futebol” e “acompanhava meus pais assistindo”. Conseqüentemente, ao vivenciarem as dinâmicas desses vínculos, criaram-se linhas que nos cortam e nos atravessam por todas as direções por meio das relações sociais e de poder (da Costa & Amorim, 2019).

Contudo, como explicita Butler (2022), quando rompemos esse laço existencial da dependência dos vínculos prévios e nos tornamos conscientes de nós enquanto sujeitos no mundo, somos capazes de discernir se aceitamos ou não as escolhas provenientes desse apego apaixonado. Ao aceitarmos, percebemos como esses discursos futebolísticos são naturalizados, pois, como ressalta Marcelo, “foi natural, foi desde criança”. No entanto, assim como podemos aceitar certos discursos, também podemos negá-los, como explicam da Costa e Amorim (2019).

Os autores explicam que, no meio desse emaranhado de linhas que nos atravessam ao longo dos nossos processos de subjetivação, existem as linhas de fuga (Costa & Amorim, 2019). Essas linhas não obedecem a um trajeto fixo, tampouco se limitam a reproduzir a realidade tal qual é dada, uma vez que são capazes de nos conduzir a lugares desconhecidos a fim de nos libertar dos esquemas de controle representacionais existentes. Como podemos ver no relato da Camila, ao salientar que ela é corinthiana e seus primos homens, aqueles que a inseriram na realidade do futebol, não o são.

Frente a essas constatações, observamos a dimensão da prática social assumindo seu protagonismo. Como uma dimensão voltada para ideologia e hegemonias, necessitamos olhar para esse aspecto do futebol. Quando pensamos em discursos naturalizados no futebol, pensamos em discursos de cunho machista e patriarcal. Como traz Pinto (2014), ao desvelar a lógica estruturante do futebol, encontramos como sustentação os pilares do patriarcado, onde os comportamentos aceitos nesses espaços estão conectados à reprodução das masculinidades, em especial à idealização da masculinidade viril.

Observamos essa prática social quando Camila enfatiza que jogava e assistia aos jogos com seus primos **homens**. Assim como nos demais relatos, as

figuras de referência que os levaram a serem torcedores são majoritariamente homens, ou seja, é o **pai**, o **tio**, os **primos** e o **namorado** (como no caso da Jéssica, cuja influência partiu de seu companheiro). Por muito tempo, o futebol foi e continua sendo um território de sociabilidades masculinas.

Contudo, por meio das práticas sociais, podemos ver as mudanças acontecendo a partir da democratização desse local de torcer. Podemos constatar essa tendência discursiva quando olhamos para os entrevistados, onde podemos contar com sete (7) participantes mulheres na fase de construção de dados. Além disso, essa tendência democratizante do discurso se materializa na **não** “necessidade” de um homem me acompanhando para realizar as abordagens e entrevistas com os participantes ou, como no caso da Camila e Bárbara, que estavam juntas na mesa assistindo sem serem incomodadas. Essa tendência de mudança discursiva não significa que o futebol deixou de ser um território de performatização masculina, mas que passou a se aceitar outros corpos que não necessariamente performatizam a masculinidade viril idealizada.

#### 4.1 O TORCER DO TORCEDOR

Por mais que o significado mais adequado para essa pesquisa, como dito acima, seja o de torcer como um verbo de ação de apoiar. Não podemos ignorar seu significado inicial no contexto brasileiro, trazido por Oliveira (2018, p. 88), de “um movimento de **modificação no corpo de um objeto**, ou, por analogia, na **moralidade, caráter** ou **sexualidade** de uma pessoa, ou **grupo de pessoas**”.

Ao retomar essa perspectiva do torcer, percebemos que o movimento — *a ação* — gera uma modificação — *a preposição da ação* — no corpo de um objeto — *do objeto que está indiretamente sendo modificado pelo movimento do sujeito que executa a ação* — complementando, assim, a construção do sentido do verbo “torcer” neste contexto da pesquisa.

A partir desse entendimento, a ação de se movimentar, ou melhor, apoiar do torcedor, acaba gerando expectativas por parte dele sobre a torcer por um time. Expectativas essas forjadas nos sentimentos e nesse impulso de modificação do movimentar que estabelecem normas e regras sobre esse corpo do objeto a ser modificado. Normas e regras essas que ditam, de certa forma, o que é naturalizado sobre esse corpo. Como podemos ver na fala da Carla ao dizer que:

Então, a **gente tem regras**. Por exemplo, falando do Corinthians, que tem regras nas torcidas organizadas, que, por exemplo, tomou um gol, **canta**, vamos **cantar, cantar mais alto, cantar**, né? As torcidas organizadas, uma ao lado da outra, **cantam mais alto ainda e continuam o incentivo até o final do jogo**. Então, esse lado da torcida organizada **é muito legal** em relação ao incentivo ao torcedor.

Nesse trecho, podemos compreender a operacionalização do verbo torcer. Assim, quando a Carla diz que “a gente tem regra”, apresenta essas normas como algo naturalizado, bem como atribui às torcidas organizadas a produção desse conjunto de condutas prescritas. Ao repetir a palavra “cantar” e agregar uma intensidade como o “mais alto”, os colocam, enquanto torcedores, como um corpo produtivo que precisa incentivar o time a vitória independente do momento em campo, mas em especial nos momentos de adversidade.

Logo, cria-se um espaço “mágico” em que esse “cantar” e a intensidade do “mais alto” se conformam em um ato que passa a ser interpretado como **jogar com o time**, assim, colocando esse torcedor na posição de décimo segundo jogador. Aquele que empurra seu time para as vitórias desde a arquibancada. No entanto, essa ludicidade da “magia” das arquibancadas é desterritorializada, logo, o que era concebido anteriormente como uma prática lúdica é reterritorializada e passa a ser compreendida como uma prática institucional (Alino-Silva, 2019).

Deste modo, podemos compreender a desterritorialização e reterritorialização como fenômenos que ocorrem simultaneamente, bem como se influenciam mutuamente ao reconstruir, semanticamente, o torcer em seu campo cultural, simbólico e subjetivo (Lemos, 2007; Haesbaert & Bruce, 2009). Conseqüentemente, estabelecendo um novo “ethos” semântico ao “torcer”, substituindo as práticas lúdicas pelas institucionalizadas, consolidando, assim, esse “cantar, cantar mais alto” como regra sobre o modo “mais adequado” de torcer (Alino-Silva, 2019).

Contudo, essas repetições e intensidade centrada na palavra “cantar” não apenas converte o corpo do torcedor em um corpo produtivo, mas também produzem e regulam suas emoções no âmbito da prática discursiva. Ao avaliar positivamente tal regra com um “é muito legal”, assim, acaba reforçando a legitimidade desse comportamento e reproduzindo uma avaliação moral de valorização das torcidas organizadas. Bem como, acabam validando um regime de condutas de ordem moral ao valorizar o “torcer ativo, participativo e disciplinado”, logo, fomentando a

busca desse sentimento de pertencimento do torcedor enquanto torcida frente a uma coletividade.

Dito isso, compreendendo superficialmente o que é ser torcedor, visto que não é o objetivo dessa pesquisa, porém relevante; avançamos para as relações sociais e de poder estabelecidas entre a torcida e os jogadores. Para assim, identificarmos e compreendermos os discursos produzidos pela torcida que atravessam e constituem os jogadores de futebol enquanto sujeitos.

#### 4.2 OS DONOS DO ESPETÁCULO ENTRAM EM CAMPO

Como traz Toledo (2010, p.177), “o universo espetacular e especular do torcedor de futebol pode ser compreendido como uma espécie de prisma por onde milhões de aficcionados projetam e refratam infinitas frações de si mesmos uns sobre os outros”, assim, essas infinitas frações refratadas também são projetadas sobre os atletas e acabam por conduzi-los a um conjunto de condutas que os moldam. Conseqüentemente, evidenciando as relações de poder que permeiam essa relação torcedor-jogador e possibilitam a emergência do sujeito, bem como suas resistências (Butler, 2022).

Nesse sentido, essa relação opera, usualmente, mediante as possibilidades que se inscrevem nos comportamentos dos sujeitos, uma vez que a relação de poder “incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir” (Foucault, 1995, p. 243). Por conseguinte, compreendemos a relação de poder como “um conjunto de ações que se induzem e se respondem umas às outras” (Foucault, 1995, p. 240) e que se exercem por meio da produção e trocas dos sentidos dos signos atribuídas a tal ato, assim, promovendo a ação sobre a própria ação e não sobre os outros diretamente.

Deste modo, podemos observar que os participantes da pesquisa enquanto torcedores estão cientes da influência que exercem no agir do jogador a partir do seu agir, como percebemos nas respostas a seguir:

tipo assim, a **gente já ganhou muito** jogo, só gritando, só incentivando. É outra coisa quando você sabe que tem alguém por você ali, tipo, **eu sou tanto atleta quanto torcedora**, aí a gente sabe o quanto é diferente, quando é incentivo. O incentivo é diferente, sabe. Então com certeza assim (Tamires).

**ela** [Jéssica] vai **saber** te falar **melhor** em termos psicológicos assim [...] **Tem um peso muito** grande do apoio e da crítica né?! Então, quando os jogadores estão indo bem à torcida apoia e quando ele tá mal a torcida crítica eles estão uma influência total, né?! Psicológico, assim (Marcelo).

ah... a gente vê tipo, num estádio, assim, quando eles tão lá eles ficam acuados quando é a torcida do time ou até as entrevistas né?! Tipo, ah... o jogo é no Allianz, é o estádio do Palmeiras, eles já vão com **confiança** com a torcida gritando, a torcida organizada, todo mundo e **quando é no adversário influência** (Jéssica).

hoje em dia as **redes sociais**, elas acabam ditando alguns comportamentos, entende? Existem jogadores, existem pessoas, artistas que não veem redes sociais para não serem influenciados. Mas a grande maioria tem rede social e acho que acaba influenciando, entende? [...] Dizem que o Twitter é **muito**... é **muito** depreciativo, é **muito** negativo [...] um Gabigol da vida, que acaba fazendo um monte de merda no Flamengo, ele recebe **muitas** críticas e acaba pedindo desculpa ou tendo **comportamento pensado em relação às críticas que recebem dos torcedores pela rede social** (Everton).

A partir do textual da fala dos participantes da pesquisa, observamos que o torcedor assume o papel de agente da ação, pois a torcida **grita, apoia e crítica**, enquanto o jogador fica **acuado, recebe as críticas** e é **influenciado** pelas críticas da torcida. Evidenciando, assim, uma estruturada organizada e pautada em conectores que desvelam suas estruturas de causalidade, algumas vezes partindo para a parte subjetiva, haja vista que essa causalidade se sustenta a partir das experiências vividas por parte dos torcedores. Outro aspecto que essa fala nos traz é o uso da palavra **muito** como um advérbio de intensidade, assim, assumindo o papel de intensificador ora de um verbo e ora de um adjetivo. Contudo, esse intensificar com o advérbio acaba modificando o verbo ou o adjetivo que acompanha (Cunha & Cintra, 2016). Por conseguinte, o **muito** se converte em um demarcador da subjetividade com cunho avaliativo.

No que tange à dimensão da prática discursiva, esses intensificadores têm o intuito de não apenas realizar a narração do fenômeno, mas inculcar um valor qualificador desse fenômeno. Bem como essa causalidade subjetiva, nos remete a um desencadeamento “natural” de causa e efeito, pois:

**os jogadores jogam mal** → a torcida crítica → *afeta o psicológico dos jogadores*

Desta forma, a construção desses desencadeamentos se sustenta nas experiências e percepções subjetivas vivenciadas pelos torcedores. O que acabam reforçando os papéis sociais performatizados por jogadores e torcedores. No

entanto, esses papéis não são estáticos, haja vista que estão em constante negociação ao se (re)articularem a todo o momento, como podemos observar na resposta do Marcelo ao colocar a Jéssica em um espaço em que ela possui uma propriedade mais apropriada sobre o **saberes dos** aspectos psicológicos para tecer comentários sobre a influência, ou seja, poder que a torcida exerce sobre os jogadores.

Tal frase do Marcelo, traz consigo camadas ideológicas e hegemônicas interiorizadas, logo, naturalizadas discursivamente em nós. Assim, nos permitindo explorar a dimensão do discurso enquanto prática social, pois ao dizer “**ela** [Jéssica] vai **saber** te falar **melhor** em termos psicológicos” a coloca em um espaço de sensibilidade. Estabelecendo linhas que tangenciam o papel feminino na sociedade, a colocado em um campo simbólico de maior afinidade com os sentimentos.

Ou seja, que Jéssica performatizaria melhor as sensibilidades atribuídas ao feminino em um território ideológico e hegemonicamente patriarcal. Tal discurso é reproduzido, muitas vezes, de forma inconsciente, discursos esses naturalizados pela ideologia hegemônica, bem como apresenta uma estrutura dicotômica pautada no pensamento cartesiano que separa corpo e mente e os hierarquiza, ao passo que coloca a mente como a detentora das qualidades e o corpo como marginalizado (Rampazo et al., 2022), assim como os sentimentos que “revelam a parte irracional” de um ser dito racional.

Ao mesmo tempo que interpretamos essas dimensões do modelo tridimensional do discurso de Fairclough, observamos o aparecimento das redes sociais como uma tendência de mudança discursiva por meio da tecnologização que altera, de certa forma, as dinâmicas interativas entre torcedores e jogadores. Observando, por exemplo, tal movimento na fala do Everton, que relata como essas interações extrapolam as fronteiras dos espaços virtuais e se refletem no espaço real, o vivido (Lemos, 2006), ao moldar o comportamento do jogador segundo as críticas provenientes desses espaços virtuais.

Nesse sentido, assim como os torcedores “projetam e refratam infinitas frações de si mesmos uns sobre os outros” (Toledo, 2010, p. 177), também projetam e refratam sobre os jogadores, bem como os jogadores também se refratam e se projetam sobre os torcedores. Essa dinâmica relacional materializa o movimento de “ir” e “vir” das influências. Além disso, nos mostra uma música sendo bailada pelos

atores sociais que seguem o ritmo das negociações, permeadas pelo poder, que estabelecem um conjunto condutas que nos moldam nesse “devir”.

Com certeza, porque a torcida do Corinthians chega a ser **nociva** nesse ponto. De não aceitar indisciplina e não aceitar jogadores que eles acham que estejam fazendo o **corpo mole**, ou que não estejam totalmente comprometidos com o time. Acho que a torcida do Corinthians é uma das piores nesse sentido de **cobrança**, então eu tenho certeza que isso influencia muito no time, nas pessoas que jogam no Corinthians. Tem jogadores excepcionais, muito bons tecnicamente, que não deram certo no time, e não era por falta de técnico, era por *falta dessa identificação* com o que a torcida entende de clube, de viés esportivo (Thaís).

Ao analisar essa resposta sobre a influência que o torcedor tem sobre o corpo do atleta, observamos que as escolhas lexicais dos termos “nociva”, “corpo mole” e “cobrança”, por exemplo, nos apresenta uma ordenação no campo semântico que se volta para o sentido sancionador e de vigilância na ação de torcer por parte da torcida do Corinthians. Assim como, o uso da modalização, termos sublinhados no excerto acima, denota a participante um discurso pautado na coexistência da subjetividade e da autoridade experiencial, a conferindo uma legitimidade discursiva que opera por meio da construção identitária com clube e a torcida, visto que a torcida se posiciona como uma representação normativa. Por fim, a torcida, nesse momento, sai da sua posição de espectadora e assume ativamente o papel de reguladores de identidade, de desempenho e de permanência no clube, nesse caso.

Frente a essa relação prismática entre torcedores e jogadores, conseguimos, inicialmente, perceber que existem vários discursos sendo produzidos, consumidos, propagados e naturalizados nessa relação. Diante dessa constatação, passaremos para a próxima seção em que iremos identificar e interpretar os dados a fim de compreender os discursos encontrados na pesquisa.

## 5 O JOGO DISCURSIVO QUE CONSTITUI

Nesta seção, separamos em subseções os discursos encontrados nas falas dos participantes dessa pesquisa. Logo, após identificados esses discursos os interpretamos a partir da aplicação da ACD, desvelando, assim, as construções dos sentidos sobre o “ser jogador de futebol”, a partir da perspectiva do torcedor.

Interpretaremos essas falas a partir da dimensão textual, da prática discursiva e da prática social. Deste modo, não interpretamos apenas pelo que foi dito ao longo das entrevistas, mas também pelas escolhas linguísticas, pelos padrões que se repetem e pelas estratégias que sustentam determinadas posições e relações de poder. Por conseguinte, identificamos os seguintes discursos:

- Corpo Máquina Perfectível;
- Ídolo/Herói;
- Corpo Produtivo;
- Entidade Moral;
- Jogador Regulado;
- Estigma do Engessamento Social;
- Jogue como Homem;
- Atleta Celebridade;

Seguimos para a interpretação, a partir da ACD de cada um desses discursos, de cada um desses discursos acima citados.

### 5.1 CORPO MÁQUINA PERFECTÍVEL

Quando falamos no discurso de “jogador máquina”, um discurso que ouvi muitas vezes, nos induz a compreender o atleta a apenas um conjunto de sistemas fisiológicos. Tal discurso se forja a partir de um contexto sustentado pelo pensamento mecanicista da época, ao compreendê-los como um sistema mecânico. Por conseguinte, os comparando com uma “máquina perfectível”, capaz de atingir seu rendimento máximo por meio da manipulação de técnicas cientificamente validadas (Galak, Zoboli & Saliba Manske, 2020).

Contudo, esse discurso não é só reproduzido pela torcida, como podemos observar com o discurso promovido a reportagem, cujo título é “Usain Bolt x esportivos nacionais: veja se carros bateriam recorde dos 100m”, bem como na peça publicitária da “Nissan GT- R”. Discursos esses veiculados pela mídia que os instiga, resultando em um processo de naturalização desse discurso por parte do torcedor.

Ao interpretarmos a peça publicitária da Nissan, que faz parte de um filme publicitário, com duração de 1 minuto e 29 segundos, da “Nissan GT- R” como parte da campanha publicitária denominada “*What is...*”, por exemplo, como podemos constatar na figura 2, logo abaixo:

**Figura 2 - Mecânica-Anatomia/combustão-movimento**



**Fonte:** Zoboli et al., 2015

Observamos o uso da metáfora como recurso ao realizarem comparações do corpo do Bolt com estruturas mecânicas de um carro ao estabelecer uma falsa equivalência de suas características anatômicas com artefatos mecânicos e tecnológicos que constituem o carro, mas não o atleta (Zoboli et al., 2015). Assim, se referirem ao corpo do atleta como uma máquina. Conforme percebemos, há um intento em realizar uma metáfora acerca do funcionamento do sistema muscular na movimentação do atleta com o sistema do motor, que possui a função de converter energia em movimento. Logo, na imagem constatamos um enfoque no motor do carro e nas fibras musculares do atleta a fim de evidenciar os elementos de comparação dos sistemas enfatizados (Zoboli et al., 2015).

Notamos o recorrente o uso estratégico da metáfora como uma forma de conectar aos elementos discursivos. Outros aspectos gramaticais, podemos observar na figura 3, a seguir.

**Figura 3 - Usain Bolt vs Nissan GT-R**



Fonte: Zoboli et al. (2015)

No que tange às questões gramaticais, sua principal unidade a ser analisada é a oração, que é considerada multifuncional, visto que é constituída a partir da combinação de significados ideacionais, interpessoais e textuais (Fairclough, 2016). Por exemplo, nas orações construídas na peça publicitária acima (figura 3), podemos constatar a ausência de conjugação verbal, pois por mais que a palavra **nascido** seja classificada gramaticalmente como um verbo no particípio, exerce a função sintática de adjunto adnominal nas orações, uma vez que modifica os sujeitos **homem** e **supercarro** ao fornecer a origem **Jamaica** e **Japão** como informação adicional desses sujeitos.

Ao conectar as questões gramaticais com o vocabulário podemos encontrar algumas especificidades interessantes. Como a substituição do nome do atleta **Usain Bolt** por **homem** e lhe atribuído um adjetivo de grande significado como “**mais rápido**”. No que diz respeito ao carro há uma substituição do nome do carro **Nissan GT-R** por **Supercarro** e a atribuição do adjetivo “**incomparável**” para fazer uma conexão de significados entre o atleta e o carro.

Assim, como constatado por Zoboli et al. (2015, p. 71), tal substituição salienta a existência de um “jogo do tipo associativo ao recorrer às personalidades famosas visa promover os produtos a partir da transferência dos valores emocionais

dos modelos”. Logo, nesse caso foi uma associação com o Usain Bolt, mas essa estratégia é aplicada com uma certa frequência associando atletas, inclusive jogadores, os produtos e marcas visando essa transferência de valores.

No entanto, essa metaforização não possui o único objetivo de transferência de valor, mas, ao equipará-lo a uma máquina, passamos a vê-lo como um objeto, podemos analogamente compreender o jogador como objeto indireto do torcer. Assim, o desumanizando, o olhando e o interpretando como um objeto, retirando todo o processo de subjetivação do sujeito jogador de futebol. Como podemos observar no momento em que os participantes reforçam a ideia de que temos que lembrar que são humanos:

em primeiro lugar, ele é um **ser humano** como qualquer outra pessoa, e isso vai desgastando o cara [...] No meu ver, parei um pouco e falei, pô, o cara é um **ser humano** [...] Atrás de um certo jogador, uma pressão grande por ser jogador, tem que **ser humano** (Carla).

eu acho que muito torcedor ultrapassa o **limite de humano** dum jogador. Sabe, independente de qualquer coisa ele ainda é um **ser humano** (Tamires)

vamos ter o respeito como **ser humano** né acima de tudo (Marcelo)

Essa repetição do termo “ser humano” evidencia o quanto está naturalizado o discurso do jogador máquina no cotidiano do torcedor, afinal, “ele ainda é ser humano” por mais que o metaforismo, excessivamente utilizado, o objetifique e o transforme em um “carro”, ainda há um processo de subjetivação do sujeito jogador de futebol nesse “ainda”.

Esse discurso mecanicista, surge na Idade Moderna, sustentando sua prática social no pensamento hegemônico da racionalidade científica, em que a ciência mediante as leis mecânicas originadas da matemática e da física substituem as leis divinas. Esse controle científico é o que permite se estudar o corpo do atleta a fim de fornecer elementos que sustentem uma eficiência mecânica por meio do conhecimento das peças fisiológicas do atleta, conseqüentemente, obtendo melhores resultados dos sistemas motores do carro, na verdade, do sistema muscular do atleta (Galak, Zoboli & Saliba Manske, 2020).

Por conseguinte, essa máquina locomotiva chamada atleta é pautada por uma legitimidade e autoridade científica racional e sustentado no pensar o corpo a partir das ciências naturais e biológicas. Assim, ao se assemelhar, confundir e igualar gramaticalmente o corpo a máquina o “ultrapassar o limite” do ser um humano

é normalizado e muitas vezes um resultado esperado, uma expectativa resultadista do torcedor para com o atleta, como vemos em discursos sendo vinculados no X, como demonstra a figura 4.

**Figura 4** - Cristiano Ronaldo, o primeiro robô português.



Fonte: @OFuraRedes (2021).

Postagem essa que materializa o pensamento resultadista da figura 4, uma vez que materializa esse discurso objetificador do jogador-máquina, estabelecendo, assim, uma relação de causa e consequência entre as marcas do Cristiano Ronaldo, “9 jogos, 9 gols”, com a idade o colocando, sendo essa relação que o qualifica como um robô português. Estabelecendo uma relação entre as dimensões do discurso estruturadas nessa seção com a analogia do homem - máquina que atinge resultados impressionantes como o Cristiano Ronaldo, logo, ele é um Robô.

Esse discurso muitas vezes é interiorizado por esses atletas, como podemos perceber na resposta do Zé Roberto em uma reportagem para o Globo Esporte (Andrade, 2024):

quando **entendo** que **meu corpo é meu instrumento** de trabalho, vou cuidar dele. Me dedicando na parte física, me alimentando para ter uma boa recuperação. E **focado** na minha **profissão**. Por entender que **meu corpo é uma máquina e precisa de manutenção**, a idade para mim foi só um número.

Nesse excerto da entrevista, notamos que a escolha lexical do jogador converge com o pensamento hegemônico mecanicista e biológico, pois ele, no caso seu corpo, precisa de manutenção tal qual o carro da peça publicitária da Nissan.

Consequentemente, sua idade biológica é um número e está em uma instância inferior à sua compreensão, ou seja, mente, de que seu corpo é um mero instrumento de trabalho, como se corpo e mente fossem peças separadas e compartimentadas de uma máquina que joga futebol. Assim, construindo um modelo mental e referencial sobre a personificação da perfeição e da superação constante de seus próprios limites, logo, o idealizando, consciente ou inconscientemente, na figura de um “corpo máquina” (Dias & Sousa, 2012).

A figura na qual esse ideal de “corpo máquina” reside se apresenta então como um objeto, bem como um alvo do exercício do poder ao manipulá-lo, modelá-lo, treiná-lo a fim de se tornar dócil ao responder a essas ações e obedecê-las, o tornando hábil. Como traz Foucault (2014), ao descrever o “homem-máquina” de Le Mettrie sendo aquele que simboliza a redução materialista da alma (carro) ao mesmo tempo que se assujeita a uma teoria geral do “adestramento” em que reina noção da docilidade, pois um corpo dócil é um corpo que se submete, que tem utilidade e se transforma ao mesmo tempo que o aperfeiçoa. Como expressa a fala de Zé Roberto em que o seu corpo assume um papel de instrumento de seu trabalho, que possui uma utilidade de jogar bola e que se transforma a partir de técnicas baseadas em conhecimento científico que objetiva o aperfeiçoamento e, consequentemente, um melhor resultado.

## 5.2 ÍDOLO/HERÓI

Contudo, esse discurso mecanicista de cunho científico não circula sozinho, há outros discursos que se entrelaçam com ele para estabelecer criar essa idealização do que é ser um jogador de futebol na perspectiva do torcedor. Consequentemente, os conduzindo a estabelecer um conjunto de expectativas que se convertem em prescrições que esse jogador dele seguir. Assim, começamos nessa seção a desbravar a narrativa do ídolo/herói.

Desta maneira, podemos observar que há um discurso alinhado a “aura” do atleta de alto rendimento. Essa “aura” se dá por meio do discurso acerca do ídolo-herói. Esse discurso tem como base a concepção do herói clássico, pois a ênfase de sua história reside nos momentos de superação e grandes conquistas,

resultantes de seus esforços, bem como de sua determinação e obstinação ao longo de sua história enquanto herói (Helal, 2003).

Porque o Zico é um dos ídolos que **tem uma conduta** dentro e fora de campo **muito correta**. Ele é **muito justo**. Ele é um **líder**. O Zico é **admirado** por todos os jogadores da geração dele. É fácil gostar do Zico. [...] O Zico é uma pessoa admirável. É **um vencedor** e é uma pessoa admirável (Everton).

Ao interpretarmos essa frase, observamos o Zico como o sujeito principal desse discurso. É retratado, predominantemente, por predicados nominais que expressa, ao longo da construção das orações, um estado ou característica do Zico tal como “um líder”, entre outros, reforçando, assim, a qualificação atribuída ao Zico. Outro aspecto relevante nesse trecho é o uso da voz passiva ao dizer que “o Zico é admirado por todos os jogadores da geração dele”, nesse caso o Zico está sofrendo a ação de ser admirado por todos os jogadores da geração dele, assim reforçando seu reconhecimento frente a um coletivo, reforçando sua essência e naturalizando na memória coletiva essa característica do Zico atleta.

Na dimensão discursiva, notamos que esse discurso sobre Zico é amplamente estabilizado no imaginário coletivo, disseminado por uma ampla gama de veículos de comunicação, mas também pelos torcedores. Minha mãe relata para mim em conversas informais sobre como seu pai santista sempre ouvia no radinho os jogos do Flamengo devido ao Zico. Reforçando esse discurso do Everton a partir de uma memória coletiva nacional.

Contudo, quando olhamos para o discurso enquanto prática social, encontramos uma forte base moral, meritocrática, identitária e de afeto sobre como se forma um ídolo. Como podemos ver quando o Everton fala sobre o Romário, ídolo para uns, mas não uma unanimidade como o Zico ao dizer que “é difícil gostar do Romário, que é um canalha. Mas é um puto jogador, mas é um canalha”. Evidenciando, assim, que não basta ser um grande jogador tecnicamente, para ser ídolo tem que ter uma conduta moral ilibada aos olhos do torcedor, ou seja, há que ser moral no que eu compreendo como moral.

Outra característica que exalta esse discurso, como ressalta Helal (2003), é a associação de predicados considerados típicos da sociedade brasileira para além do construído a partir da construção clássica. Deste modo, o torcedor brasileiro carrega consigo todas essas representações e significados do herói clássico (superação, conquistas, determinação, extrapolar limites, entre outros). No entanto, a

ênfase das conquistas, segundo os discursos, reside em características que os compreende socialmente como tipicamente brasileiras, tal como a “genialidade”, a “irreverência” ou a “malandragem”, que passam a constituir o discurso que transforma os jogadores brasileiros em ídolo/herói (Helal, 2003, p.28).

Nesse sentido, a moral é relativizada, por exemplo, quando falamos do Ronaldo Fenômeno. Não eram jogadores que se enquadravam em uma régua moral alta, tal qual Zico, para serem considerados ídolos. Contudo, como lembra Carla:

O Ronaldinho fenômeno. Ele teve uma pressão muito grande na época da Copa do Mundo, de 94 até 2000 ali, porque ele foi um ótimo jogador. Então, a gente colocava confiança inteiramente nele. [...] ele é um ser humano como qualquer outra pessoa, e isso vai desgastando o cara. Chegou ao ponto de joelho dele quebra, não sei o que quebrado. Sobre peso. Sobre peso, tudo isso.

O Ronaldo Fenômeno foi campeão mundial em 1994 aos 17 anos de idade. Fez uma ótima Copa do Mundo em 1998, mas perdeu a final para a França após sofrer uma convulsão que segundo relato dele nunca encontrou a causa. Logo, em 2002, é convocado e questionado pelos torcedores brasileiros, haja vista que voltava de uma lesão séria no joelho e o tirou por muito tempo dos gramados. E, em uma final emocionante, fez dois gols em Oliver Kahn, goleiro alemão e eleito o melhor jogador daquele torneio. Assim, Ronaldo Fenômeno marcou seu nome na história da seleção brasileira com uma história épica, digna de herói clássica, mas como ele diz “minha grande vitória foi voltar ao futebol, fazer gols. E essa vitória coroou um grupo maravilhoso que conseguimos formar, mas também coroou minha luta pela recuperação”.

No entanto, mesmo colocado no posto de ídolo/herói, foi um atleta que se envolveu em polêmicas ao longo de sua carreira, desde relacionamentos conturbados e relâmpagos com direito a casamento em castelo na França. E até mesmo polêmicas como a de 2008, em que protagonizou uma discussão ao se recusar a pagar as travestis pelo serviço delas, entre outras polêmicas. Situação que gerou comentários, devido ao meio do futebol ser um meio hegemonicamente constituído por ideologias machistas e patriarcais.

Nesse sentido, percebemos que esse discurso sobre o ídolo/herói não está estabilizado, há uma espécie de requisitos morais, mas que dependendo são flexíveis. Há requisitos em relação à trajetória, mas que também são flexíveis. Como podemos constatar no discurso da Bárbara quando ela diz que:

O Matheuzinho, ele é corinthiano desde criança. Tipo, tem foto dele e tudo mais. E hoje ele joga no Corinthians. Pra mim ele é um jogador **estável**, mas ele é **raçudo**, entendeu? Você consegue ir se **esforçando** dentro de campo.

A partir desse excerto da entrevista da Bárbara, notamos que os qualificadores para ser aceito a categoria de ídolo possui outros elementos, como nos mostra as escolhas lexicais dessa fala. Uma vez que, ao escolher a palavra “raçudo” a participante não está se referindo apenas ao esforço físico empregado na atividade por parte do atleta, revelando o dispositivo micropolítico, onde os afetos são forças que atravessam esses corpos e produzem um modo de existir (Rolnik, 2018).

Assim como, ao ressaltar que “ele é corinthiano desde criança” e é provado, uma vez que possuem “foto dele e tudo mais” constrói uma narrativa de pertencimento que constrói o discurso de autenticidade, legitimidade, identificação afetiva com o clube, que cria a narrativa de um sujeito “verdadeiro”, “raiz”, conseqüentemente, produzindo uma forma de afetividade institucionalizada. Por conseguinte, um efeito desse discurso de afeto da micropolítica é o acobertamento das relações assimétricas de poder entre as partes (Rolnik, 2018), haja visto que esse afeto a partir dessas relações visa naturalizar o sacrifício ao transformar a dor em devoção, bem como o esforço em destino.

Ou seja, ao mesmo tempo que é um afeto que mobiliza, é um afeto que normatiza. Visto que esse afeto opera como um orientador do modo como o jogador deve ser sentido, visto e valorado. Assim, esse afeto não o libera, mas o domestica e quem, em algum momento, não corresponde às expectativas produzidas pela afetividade é colocado no outro polo da dualidade, logo, é compreendido como vilão.

Esse é o movimento demonstrado por Araújo e Brinati (2015), ao investigarem a construção da narrativa do “Maracanazo” em que a torcida criou discursivamente os seus heróis ao mesmo tempo que elegeu seus vilões. Os autores destacam como se deu essa prática discursiva em que os atletas eram retratados como “defensores da pátria” e heróis da nação que jogavam com alma”, assim reforçando a representação desses atletas para além da vitória esportiva, pois os atribuía afetivamente o significado de símbolos de união, resistência e orgulho nacional.

Contudo, após a fatídica final da Copa do Mundo de 50, no Maracanã, o discurso do público passou a culpabilizá-los ao mesmo tempo que procuravam alguém em quem poderiam descontar todos aqueles sentimentos de indignação,

frustração e angústia. Consequentemente, todos os jogadores daquela geração passaram a ser associados com o fracasso daquela partida, em especial Barbosa, o goleiro da seleção e o “culpado” pela derrota.

Tal episódio o marcou a ponto de andar pela rua e as pessoas o abordarem para cobrá-lo, relembra uma amiga que mesmo após estar aposentado, uma mulher o apontou o dedo e exclamou para a filha que ele era o responsável por fazer o Brasil inteiro chorar. Após o Maracanazo, Barbosa não disputou mais jogos considerados oficiais pela seleção brasileira, tampouco foi acolhido como outros jogadores (Araújo & Brinati, 2015).

Deste modo, essa micropolítica afetiva trabalhada por Rolnik (2018) nos mostra como narrativa é flexível e depende de uma série de variáveis, tal como os resultados. Sendo de responsabilidade do discurso sobre o corpo produtivo — resultadista —, muitas vezes, a construção das categorias de heróis e vilões, que dependem da construção subjetiva dos torcedores que refretará no jogador e o categorizara conforme o dispositivo da micropolítica atua nesses corpos.

### 5.3 CORPO PRODUTIVO

No decorrer das interpretações dos discursos já realizados notamos um discurso que vai se emaranhando com o mecanicista e o ídolo/herói. Discursos esses que constroem o sentido e significado do atleta Máquina e do ídolo/herói. Que é o discurso do corpo produtivo conceituado por Foucault (2014), como um corpo que é organizado, ou melhor, disciplinado para ser útil, produtivo, obediente e dócil para a ordem capitalista em vigência.

Disciplinado, pois é por meio das técnicas disciplinares que o controle minucioso das operações do corpo é possibilitado. Esse controle minucioso só é realizado a partir do momento que o corpo é sujeito às forças que o impõe, uma relação de docilidade-utilidade. Assim, Foucault (2014, p. 135) coloca a disciplina como uma técnica “que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil”. Tal relação escancara a “mecânica do poder”, não mais do corpo enquanto biológico, mas como um mecanismo que possibilita ter domínio sobre o corpo de terceiros, não se visa o “façam

como eu quero”, visa, na realidade, que o corpo opere como gostaria que operasse por meio das técnicas disciplinares, como vemos na fala a seguir:

hoje em dia, eu vejo como uma profissão de alta *performance* mesmo. Assim, de restrições, de você estar condicionado para o seu propósito profissional e aí você abdica de partes de uma vida social, eu diria, assim, de ter uma alimentação regrada, você tem que ter uma alimentação regrada. Você **tem que ter** disciplina diária em treinos, então eu acho que é alta performance, seria isso, uma profissão de alta performance (Thaís).

A expressão “tem que ter” utilizada nessa fala se trata de uma estrutura deôntica, uma vez que é amplamente utilizado no sentido de construir uma lógica de obrigação e permissão dependendo, em essência, de um conjunto de regras interpretadas como sociais e morais já estabelecidas (Casimiro, 2007). As escolhas lexicais como “alta *performance*” recorre a uma linguagem mais técnica, assim, evocando uma sustentação do discurso mecanista em sua fala como estratégia de legitimação. Desta forma, compreendemos que a utilização de modais deônticas e as escolhas lexicais mais técnicas busca construir um discurso sobre o jogador em que o ato de ser jogador remete a uma atividade que regula o corpo, bem como é marcado pelas técnicas disciplinares.

Disciplina essa que torna esse corpo útil a “alta *performance*”, conseqüentemente, produzindo resultados esperados ou que minimamente se alinha com as expectativas do torcedor. Assim como, se torna docilizado por meio do adestramento que tem como função se apropriar e retirar o melhor dos corpos (Foucault, 2014). Estabelecendo, assim, uma lógica resultadista, que pauta, classifica e categoriza o atleta segundo o que o seu corpo produz e conforme essa produção atende as regras e as expectativas dos torcedores.

Contudo, todo esse adestramento a fim de docilizar o corpo do atleta visa obedecer à ordem capitalista vigente. Ou seja, como podemos observar nas seguintes falas:

acho que a torcida acaba confundindo as coisas e se achando **proprietário** de um jogador, porque ele joga pelo clube que você torce e não nada a ver. Eles são profissionais ali dentro do campo, enquanto eles estão **trabalhando** pelo clube, mas no momento fora do horário de trabalho eles têm a **vida pessoal** deles, então o que ele vai fazer deixar de fazer ali é com ele (Marcelo).

eu particularmente não ia gostar de saber, tipo, pô cara, você **ganha muito** para isso, vai estar todo mundo torcendo por vocês. E vocês vão chegar viradão num jogo importante, não é gostar, mas também não concordaria com você fazer isso [ações de controle sobre os jogadores] não (Jéssica).

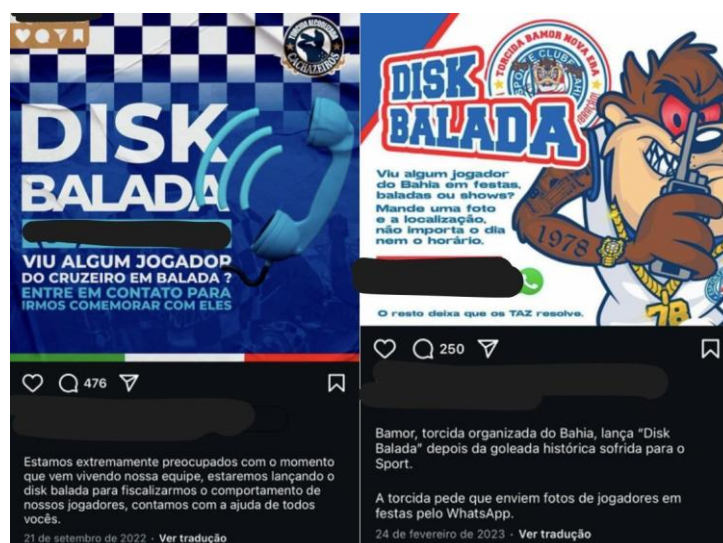
então, a torcida quer **ter resultado**. O torcedor ele paga às vezes é sócio do clube. Ele paga mensalidade do clube e da torcida organizada. Toda semana ele está no estádio, **pagando para ter resultados positivos do time**. E o jogador às vezes não entrega isso. Então no mínimo entrega física, pelo menos. Individual, coletivo e tal (Renato).

Nessas falas notamos a estrutura sustentada em três (3) eixos temáticos, sendo o primeiro posicionado no campo simbólico da tensão entre controle e propriedade ao colocar o torcedor como “se achando proprietário”, assim, estabelecendo uma relação de posse simbólica entre o torcedor e o jogador. O segundo eixo se pauta na tensão regida pelo resultado e desempenho, onde o torcedor assume seu papel coercitivo, o encontrar nesse corpo produtivo um discurso com cunho produtivo, onde se constrói um campo simbólico acerca das exigências produtivas prescritas pelo torcedor.

Nesse sentido, percebemos que há um discurso sustentado na concepção não apenas dos corpos dóceis, mas também da ideia de corpos economicamente ativos em que sua docilidade garante os resultados esperados de um corpo produtivo (Fachini & Ferrer, 2019). Contudo, ao se colocarem como torcedores investidores, esse corpo produtivo precisa ter um retorno dos investimentos econômicos como “paga mensalidade do clube”, bem como está toda semana pagando ingresso no estádio, logo, o torcedor está “pagando para se ter um resultado positivo para o clube”. Assim, como sócio do clube, possuem certo controle sob os ativos do clube e assumem o papel de proprietário, não só do clube, mas desses ativos representados pelos jogadores, conseqüentemente, sou proprietário do sujeito-objeto jogador, que precisa ser produtivo para me trazer retorno.

Tal ação visa não somente a manutenção de um sistema capitalista, mas reforça relações de ordem econômica a fim de ter um controle de vigilância legítimo e aceitável socialmente. Diante dessa construção de sentido, passamos a compreender a vigilância como um dispositivo legítimo da torcida. Assim, justificando alguns métodos de vigilância da torcida sob os jogadores, como as cobranças em CT diretamente aos jogadores e ações como o *Disk Balada*, como o exercício do poder disciplina para o “bem” nos resultados que esse coletivo espera. Como podemos observar na figura 5, a seguir:

Figura 5 - Postagem em Instagram



Fonte: Autoria própria a partir de postagens no *Instagram* (2025).

Deste modo, a figura 5 trata-se de duas postagens, de torcidas diferentes, com o intuito de divulgar o “disk balada” e, assim, estabelecer um canal de comunicação entre a torcida para se organizarem a fim de “fiscalizar” o comportamento dos “seus jogadores” diante de “preocupações acerca do momento que vem vivendo nossa equipe” e devido à “uma goleada histórica sofrida” frente ao rival. As escolhas de palavras para essas postagens evidenciam, por parte da torcida, um discurso de promoção da vigilância constante sobre os “seus atletas”, para, assim, os disciplinar em relação aos seus corpos e para poderem atingir os resultados esperados pelo torcedor (Guimarães, 2023).

Estabelecendo uma forma contemporânea da ideia de panóptico, ou seja, a estabilização de “uma máquina de dissociar o par de ver-ser visto [...] que, a partir dos desejos mais diversos, fabrica efeitos homogêneos de poder” (Foucault, 2014, pp. 195-196). Como exemplifica Everton ao relatar que

Na Argentina, os jogadores argentinos têm uma relação diferente. O Pratto, que jogou no Atlético Mineiro, ele falava uma frase bem interessante ‘quando o meu time perde, eu não vou sair para jantar com a minha família. Porque o meu time perdeu e eu sei que o torcedor tá mal’.

Apesar da estrutura textual tentar criar um paralelo comparativo sobre as condutas dos jogadores e torcedores argentinos e brasileiros, acaba por sugerir a existência de modelos de torcer nacional, uma vez que o Everton enfatiza que “na argentina”, contudo, o contexto brasileiro não se assemelha?

O Pratto, nesse caso, é visto como um agente legitimador com uma função de reforçar uma identidade nacional, nesse caso a Argentina. A voz passiva, usualmente utilizada na fala dos torcedores para demarcar suas posições nas relações de poder, é substituída pela voz ativa, assim, a construção gramatical coloca o jogador como o executor da ação ao salientar que o jogador possui autocontrole não precisa estar sob o sistema de vigilância. Como também, concebe um novo “ethos” acerca dos que significa as palavras responsabilidade e sacrifício. Assim, percebemos como esse poder disciplinar desenvolve, por meio do panóptico, uma governamentalidade dos torcedores frente a relação com os jogadores. Uma vez que essas normas disciplinares empregadas pelas torcidas se internalizam sob esses corpos ao ponto dele mesmo promover a vigilância do torcedor sob ele, desenvolvendo assim a própria autovigilância.

Nesse sentido, percebemos como esse discurso disciplinar atravessa o Pratto e o subjetiva no sentido de ser solidário e sensível ao sentimento coletivo de sofrimento do torcedor. Assim, materializando a micropolítica do afeto como um dispositivo de controle e o poder operando não por meio da violência e coerção, mas por uma adesão subjetiva das condutas esperadas por um torcedor frente a um resultado positivo.

#### 5.4 ENTIDADE MORAL

Apesar dos discursos não estarem sendo analisados em forma de texto corrido, podemos notar que os discursos eles se conectam, não são promovidos isoladamente. Devido a esse aspecto e por ser um tema recorrente nos discursos, estabelecemos a “entidade moral” como uma categoria de discurso. Uma vez que a moral permeia a construção dos mais diversos discursos.

Assim, retomando a análise sobre a fala do Pratto que foi relatada pelo Everton, pois a moral é um aspecto que tangencia fortemente a subjetividade do discurso replicado por ele. Ao se apresentar como alguém que subordina sua vida privada à vida pública do clube. Reforçado pela ideia de identificação total entre atleta e torcida; a naturalização de um padrão de conduta emocional esperado do jogador; a circulação de um discurso de profissionalismo sustentado pelo sacrifício. Assim, a fala não apenas descreve uma prática, mas produz uma narrativa cultural sobre o que

é “ser jogador” em determinados lugares, contribuindo para a construção de identidades nacionais e profissionais.

Quando interpretamos mais falas permeada por essa tensão dicotômica da vida privada vs vida profissional, observamos nas seguintes falas:

Olha, eu trato o jogador diferente, eu...eu separo o jogo pra mim, pra mim como torcedor eu separo o jogador no campo, no jogo profissional e o pessoal. Tem jogador que eu sei que não presta, mas no campo eu quero que ele faça o trabalho dele, se ele jogar muito, fizer gol, vou torcer pra ele (Gustavo).

Ele joga pelo clube que você torce e não tem isso, não tem nada a ver eles são profissionais ali dentro do campo, no enquanto eles estão trabalhando pelo clube, mas no momento fora do horário de trabalho eles têm a vida pessoal deles, então o que ele vai fazer deixar de fazer ali é com ele (Marcelo).

Inicialmente encontramos um filtro moral nesse discurso, pois, ao mesmo tempo que ele blinda o atleta, ele também o ataca, como podemos ver ao longo da interpretação sobre o discurso ídolo/herói, no discurso acerca das masculinidades — esse interpretaremos mais a frente —, na realidade esse filtro moral é encontrado em todos os discursos os permeando em intensidades diferentes, mas presentes.

Na fala do Gustavo podemos identificar um mercador de hesitação quando ele afirma que “eu...eu separo o jogo para mim”, assim, indicando que o Gustavo está negocia os sentidos comigo enquanto responde, revelando um posicionamento que não é totalmente estável. Produzindo, assim, uma distinção explícita entre “o jogador no campo” e “o pessoal”, construindo discursivamente duas identidades separadas — uma profissional e outra moral. Estratégia, muito utilizada pelos participantes da pesquisa quando indagados sobre se há limites e quais são acerca do processo de cobrança e vigilância do torcedor sobre o jogador.

Continuando, na expressão “tem jogador que eu sei que não presta” constatamos um forte julgamento moral ao estabelecer uma hierarquia valorativa entre atleta e torcedor. No entanto, hesitação e a negociação se sentido retornam nessa mesma frase, suspendendo esse julgamento valorativo, o flexibilizando a partir do momento que o resultado positivo do corpo produtivo surge por meio a análise do desempenho esportivo desse jogador frente a concepção do torcedor, logo: “no campo eu quero que ele faça o trabalho dele”. Ou seja, o discurso opera uma dissonância controlada, aceitando um jogador “moralmente ruim” desde que cumpra sua função produtiva.

Notamos, também, a existência de um movimento condicional, pois “se ele jogar muito... vou torcer pra ele”, assim, transformando a análise da torcida em algo dependente do rendimento, não da pessoa. Logo, quando Gustavo afirma que, apesar de tudo, torce para o atleta com a finalidade de que ele “faça gol”, revelado um mecanismo disciplinar que desumaniza e transforma o jogador em instrumento performativo, o objetificando ao metaforizá-lo e o converter em um objeto, como na peça publicitária que converte o atleta em um carro.

Consequentemente, o corpo do jogador é disciplinado pela lógica do rendimento: jogar bem = aceitação temporária; jogar mal = rejeição ou retomada do julgamento moral. Essa alternância opera como forma de controle contínuo, em especial, quando categorizam esses jogadores em heróis e vilões, os adjetivando conforme a análise valorativa de desempenho realizado pela coletividade, na qual acredita existir vínculos de identificação e pertencimento por parte do atleta.

Além disso, nos trechos destacados podemos constatar que a prática discursiva comum ao futebol é a: separação entre a vida privada do jogador e sua performance em campo. Entretanto, o que parece uma separação neutra é, na verdade, uma estratégia de gerenciamento afetivo do torcedor, que visa permitir que ele mantenha seu engajamento mesmo com atletas que desaprova moralmente. A fala reproduz um discurso meritocrático que reduz o jogador à sua função utilitária no espetáculo esportivo.

No entanto, quando Diego é questionado sobre essa separação entre pessoal e profissional ao refletir, ele diz: “então, não, não. Acho que é muito difícil, porque não é palpável pra diferenciar”. O sinal de hesitação no “não, não” evidencia a negociação que Diego está realizando com os sentidos que quer construir com resposta que deu. Assim, ao reavaliar a estrutura naturalizada em seu discurso.

Por conseguinte, como ressalta Butler (2022), a moral assume o papel de um dispositivo normativo externo ao sujeito, bem como construído e imposto ao sujeito, nesse caso ao jogador. Uma vez que, toda essa construção sobre a moralidade parte dos processos sociais que, ao mesmo tempo que desenha modos aceitáveis de existir, também é um fator limitante dessa existência. Assim, as normas que estruturam de modo aceitável de existir são naturalizados em nossa existência a partir do momento que somos repetidamente assujeitados por essa moral.

Além disso, são atribuídos à moral um valor disciplinador e produtivo. Com isso, Butler (2022), compreende essa moral como parte de um regime de poder

que disciplina, bem como constrói as prescrições de condutas, estabelece hierárquicas e produz subjetividade. Ou seja, essa moral também é performativa, pois “não basta ser honesto, tem que parecer honesto”. Portanto, são essas prescrições morais de condutas que irão regular os corpos desses jogadores, assim, nos possibilitando avançar para o discurso do corpo regulado do atleta.

## 5.5 CORPO REGULADO

Como falamos do discurso do corpo produtivo e disciplinado, bem como o corpo enquanto uma entidade moral, avançamos para o corpo regulado. Como observamos na fala da Carla sobre a torcida (pp. 48-49), assim, esse trecho citado apresenta como estratégia discursiva a descrição de algumas normas como algo naturalizado (“a gente tem regras”) por parte da torcida por serem prescritas pelas torcidas organizadas. Por exemplo, as expressões repetidas — “cantar, cantar mais alto” — reforçam a ideia de intensidade e produtividade. Além disso, a fala adota uma avaliação positiva (“é muito legal”), que legitima o comportamento e produz uma representação moralmente valorizada da torcida organizada. Conseqüentemente, não visa produzir um desempenho por parte apenas da torcida, mas também em relação ao jogador.

Assim, no que tange à produção de expectativas normativas, elas são expressas quando o discurso descreve torcidas organizadas que “continuam o incentivo até o final”, mesmo após levar gol, ele não está apenas narrando um comportamento da torcida. Ele está construindo expectativas sobre o jogador. Ao passo que na dimensão da prática discursiva há a legitimação da ideia de que: o jogador precisa responder à intensidade do canto, conseqüentemente, deve manter performance apesar da adversidade, não pode desanimar porque a torcida não desanima. Ou seja, esse discurso produz um padrão normativo de comportamento para o atleta, ainda que indiretamente.

No que se refere, a torcida organizada, ao ser discursivamente construída como “incentivadora”, acaba fazendo um movimento para deslocar para o jogador a obrigação de corresponder à disciplina coletiva mostrada pela arquibancada ao longo do jogo. Instalando, assim, um regime de vigilância ao apresentar a torcida organizada como coletivo regulado por regras — cantar mais alto no pior momento — cria-se uma forma de vigilância afetiva e moral sobre o jogador.

Assim, não estamos falando só sobre o canto, mas o que o canto significa. Ao evidenciar uma torcida se mostra resiliente que espera um comportamento espelhado do jogador, logo, o jogador deve ser resiliente. Ao performatizar força esperam que o jogador performatize o mesmo. Por conseguinte, esse “cantar” funciona como um dispositivo disciplinar que regula a conduta do atleta, mesmo sem dizer isso explicitamente.

A torcida se torna um olhar constante, que governa comportamentos dentro e fora do campo. Como resultado, passamos a olhar a governamentalidade exercida pela torcida no panóptico invertido, que é o campo de futebol, uma vez que das arquibancadas a torcida, ao utilizar o canto como uma estratégia de orientação de comportamento do jogador. Tal orientação se estabelece a partir da criação do ambiente colaborativo entre eles e da arquibancada, assumindo o papel de décimo segundo jogar e direcionando os sutilmente os jogadores a aumentarem a sua entrega, ou seja, produtividade ao longo do jogo.

Resultando, assim, produção de uma identidade esportiva disciplinada: A fala reforça uma identidade idealizada do jogador: aguerrido, emocionalmente estável, responsivo ao coletivo, imune ao abalo emocional de momentos ruins. Haja vista que essa identidade não é inerente ao jogador; ela é discursivamente construída e reforçada por práticas sociais (a torcida, as regras, o canto ritualizado).

O atleta é, portanto, posicionado em um regime discursivo que exige dele: autocontrole, produtividade emocional, correspondência a expectativas externas. Além disso, um dos efeitos desse discurso é o apagamento dos conflitos e pressões reais são qual o jogador é submetido. Ao elogiar a torcida (“é muito legal”), Carla naturaliza as regras e oculta, de certa forma fora, a pressão psicológica que o regime de vigilância exerce sobre os jogadores, a tensão entre apoio e cobrança, a possibilidade de que o incentivo seja também forma de controle. Assim, o discurso transforma práticas disciplinares em práticas “positivas”, reforçando a hegemonia do ideal de comprometimento absoluto do jogador. Logo, esse discurso funciona para produzir um jogador ‘devedor’ da torcida.

A estratégia discursiva, ao construir a torcida como disciplinada, intensa e resistente, posiciona o jogador como alguém que deve corresponder, devendo: manter esforço total, não demonstrar fragilidade, absorver a pressão coletiva, assim, responder à disciplina com disciplina. O jogador, portanto, é

subjetivado por esse discurso como responsável pela energia da torcida — uma forma de poder que atua invisivelmente, regulando condutas e emoções.

Outra forma da torcida exercer essa regulação no corpo do jogador é por meio do meme, como o verbalizado por Everton ao dizer:

Eu sou flamenguista. Eu me preocupo com a vida do Arrascaeta, se ele tá bem, se ele tá comendo bem, pelo amor de Deus, Arrascaeta.

Everton assume, nessa fala, que esse sentimento de pertencimento que encontrou no Flamengo, bem como a sua identificação com o atual ídolo do Flamengo, o desperta o ato do cuidado em se preocupar com ele, com a vida, o bem-estar e a alimentação deles. Entretanto, mesmo utilizando um meme como recurso, assim, a estratégia discursiva regulatória se encontra nessa fala. Uma vez que, a preocupação real sobre esses aspectos da vida do Arrascaeta traz como intuito regular o seu corpo a partir de condutas mecanicistas prescritas a fim de que o Arrascaeta seja aquele corpo produtivo que supra as expectativas do torcedor em relação ao resultado da partida. Mesmo com o humor, o poder disciplinar continua implícito na fala do Everton. E utilizando-se da mesma estratégia de camuflar o que intuito real desse meme.

## 5.6 ESTIGMA DO ENGESSAMENTO SOCIAL

Ainda em nosso *corpus* de pesquisa, encontramos um discurso que também possui um viés regulatório que é o de mobilidade social. Os discursos que permeiam essa instância da vida e, como consequência, resulta em um discurso naturalizado que legitima essa ascensão social por meio do futebol. Bem como romantiza, como um aspecto relevante para atingir o *status* de herói, ao superar essa “adversidade” da vida em um contexto em que o capitalismo mais exclui do que inclui, como podemos observar nas seguintes falas:

Ser jogador, primeiro você tem que gostar muito de jogar bola, gostar porque ao ponto de você querer ser profissional. No começo, óbvio, que você não envolve dinheiro, envolve você ganhar um dinheiro bom, ajudar sua família, que é o que a maioria dos jogadores faz. Mas o princípio de tudo, eu acho que é você gostar daquilo, você sentir prazer naquilo e de querer separar seu tempo de treinar, porque até você conseguir ser um jogador conhecido que ganha um salário bom, porque esses jogadores conhecidos que ganham bem é tipo nem dez por cento (10%) de todos os jogadores que existem tem outro

jogador que ganha menos que um CLT em tipo, times bem pequenos aí (Gustavo).

Cara, mas eu acredito que é uma busca, que é uma saída pra uma classe social em sua predominância, sabe, de tentar mudar de vida e unir uma coisa prazerosa. De novo, a gente tá falando do esporte mais popular do mundo. Uma pessoa pode ganhar dinheiro de outras formas, mas eu acho que você unindo O futebol, você ganhar dinheiro do qual você gosta, eu acho que é uma coisa... Deve ser legal. Deve ser legal. Então eu acho que é uma forma de escape com uma... Na nossa situação, no nosso país, para uma mudança de classe social. Eu acho que é isso (Everton).

Eu acho que ser jogador de futebol é uma coisa muito mais complicada do que é retratada, porque a gente tende a avaliar o jogador de futebol com base no que a gente espera que ele seja, só que no fim das contas ele é um profissional de uma atividade com uma duração muito curta [...] O grande núcleo familiar dele, depende muito do que ele ganha de dinheiro num período muito curto da vida dele. Então eu acho que ser jogador de futebol... É uma responsabilidade grande para uma pessoa que, em 99% dos casos, é imatura emocionalmente e intelectualmente (Diego).

As falas acima partem do pressuposto de que a grande maioria dos jogadores de futebol partem de uma realidade de vulnerabilidade social e que veem no futebol a única saída de ascenderem socialmente. Uma vez que, o futebol, como os demais esportes, está inserido, predominantemente, em uma sociedade estruturada a partir das lógicas capitalistas, assim, a partir desse aspecto, conforme afirma Pimenta (2020, p.154).

[...] observou-se que era possível que os negros ascendessem por meio do esporte, essa ideia também se popularizou para seus similares. Tudo começa com um sonho e uma ideia de superação por meio do esporte: a meritocracia ainda é preponderante [...]. Isso faz com que muitos garotos - geralmente, negros e pobres - ao observarem a idolatria em torno de craques que vieram de origens semelhantes.

Criando, assim, o “mito” da ascensão social por meio do esporte, em especial, porque é um discurso amplamente difundido pelos meios de comunicação. Logo, explicitando os discursos que os referenciam, os participantes, e que pautam para a construção desses discursos, constantemente reproduzidos e difundidos socialmente. O que explicaria, de alguma forma, certas escolhas lexicais desse discurso como quando Gustavo diz que “você [jogador] ganhar um dinheiro bom, ajudar sua família”, bem como se torna o provedor da família um aspecto amplamente negociado nas relações de poder que permeiam essa relação entre o torcedor e o jogador.

Quando Everton fala sobre “tentar mudar de vida”, essa frase se torna um dos pilares do “mito da ascensão social” que circula até hoje em dia. Bem como,

complementa Gustavo ao expressar sua opinião ao dizer: “eu acho que é você gostar daquilo, você sentir prazer naquilo e de querer separar seu tempo de treinar”. Conseqüentemente, conectando o mito a um discurso forjado na ideia da meritocracia, haja vista que apenas 10% (dez por cento), como diz Gustavo, vão chegar a um patamar que realmente consegue realizar essa mobilidade de classe, enquanto os demais “ganham menos que um CLT”.

No que tange à produção discursiva do jogador como sujeito: O discurso verbalizado não apenas constrói o jogador como também produz um sujeito assujeitado pela falta de opção, enraizado que aquele jogador “não [te] opção”, assumindo que para o contexto daquele atleta não houve outras alternativas de mobilidade que seja fora do futebol, afinal, estão à margem da sociedade.

Identificamos também que, para Foucault (2014), os discursos criam categorias de sujeito que definem quem esses sujeitos podem ser. Definindo, como aborda Pimenta (2020), quem aquele “negro e pobre” pode ser e os lugares que pode acessar a partir de uma lógica da exclusão. Conseqüentemente, Foucault (2014), ressalta como esse discurso de engessamento social e exclusão desenvolvem essas categorias por meio do poder-saber. Como podemos notar, essas falas categorizam o sujeito jogador de futebol da seguinte forma: o jogador como alguém “pobre”; dotado apenas de um “saber do corpo” e cuja agência é reduzida à sobrevivência.

Assim, constatamos como esse sujeito é fabricado discursivamente, a partir das práticas disciplinares e da moralidade valorativa, não descrito. Essa fabricação dos jogadores acaba refletindo um entendimento acerca do sujeito enquanto um efeito das estruturas sociais, ao se apoiarem em discursos, como o identificado por Pimenta (2020), demarcado pelas lógicas capitalistas de exclusão ou inclusão por meio de sacrifícios, ou seja, meritocracia, por exemplo, mas também há o discurso marcado pela ideia de que “o futebol salva da pobreza”, “é a única saída para o jovem da periferia” e “talento natural supera falta de estudo”.

Para Fairclough (2016), a interdiscursividade evidenciada no parágrafo acima é sustentada por discursos que se apoiam em práticas sociais mais amplas (mídia esportiva, narrativas meritocráticas, marketing dos clubes). Assim, a fala não é isolada: ela reproduz um padrão cultural dominante.

Padrão esse pautado na compreensão do corpo como um capital disciplinado, como observamos na frase “é só o que ele sabe fazer” reduz o jogador à sua dimensão corporal. Em termos foucaultianos, é o corpo docilizado e produtivo,

treinado e capturado por instituições (clubes, categorias de base, mercado esportivo). Ao mesmo tempo que esse corpo disciplinado passa a assumir, também, a função de ferramenta, recurso econômico, objeto disciplinado.

Ao longo da interpretação desse discurso que categoriza o jogador como pobre e em vulnerabilidade econômica, social e culturalmente. Podemos perceber a maquinaria das relações de poder se movimentando, uma vez que é por meio dessas relações sociais que naturalizamos discursivamente as desigualdades. Como no trecho do “por falta absoluta de opção”, a expressão utilizada passa a funcionar como uma verdade disciplinar — pois, é aquilo que circula como evidente, natural, incontestável. Para Foucault (1995), o poder opera justamente quando uma narrativa aparece como “óbvia”.

Ou seja, como efeito discursivo, que apaga a historicidade e as condições sociais, tornando a desigualdade algo “normal” no futebol, algo que contribuí para a narrativa de herói no futebol, uma vez que o jogador superou a barreira social e hoje se encontra em outra classe social, por exemplo. Assim, o colocando como membro de uma classe social homogênea, com repertório limitado (“é só o que ele sabe fazer”), dependente do futebol para ascender. Essa representação é classista, pois associa pobreza a carência de capacidades e alternativas.

Entretanto, esse poder aparece, também, por meio da exploração do desejo do sujeito em ser jogador de futebol, justamente para sair de uma zona de exclusão social para uma zona de inclusão social, por exemplo. Desta forma, Butler (2022) concebe essa exploração do desejo por meio da manutenção de promessas como a de ascensão social, promessa essa que o poder explora a partir da forma do desejo. Assim, o desejo se torna relevante para nós ao longo desse processo de tornar- sujeitos, mas um sujeito tangível e inteligível, ao mesmo tempo que o limita em sua tangibilidade, ao passo que o sujeita, logo, permitindo que o poder assuma a sua forma por meio da forma do desejo.

Consequentemente, compreender que se estabelece um vínculo de dependência do sujeito para com o poder em sua formação, ao trazemos essa ideia do poder explorar e a assumir a forma do desejo, haja vista que há uma impossibilidade de se tornar um sujeito sem essa dependência. Como ressalta Butler (2022, p. 18), “dependemos do poder para nossa própria formação, que essa formação é impossível sem a dependência e que a postura do sujeito adulto consiste

precisamente na negação e na reencenação dessa dependência” e nesse caso por meio da exploração do desejo.

Outro aspecto relevante dessa categoria discursiva é o discurso meritocrático que romantiza essa ascensão social, o classificando como um “case de sucesso” social, pois na base do sacrifício e frente as adversidades da “vida” esse sujeito está entre os 10% que deu certo e saiu da vulnerabilidade. O sacrifício “meritocrático” passa a ser um marcador relevante, nessa categoria discursiva, justamente por o compreendermos, segundo o *Oxford Languages*, como a “renúncia voluntária ou privação voluntária por razões religiosas, morais ou práticas”.

Nesse sentido, o jogador é discursivamente posicionado tanto como corpo disciplinado, econômica, como o que se submete a renúncias, restrições e demandas requisitadas a um jogador de alta performance. Como explica Thaís, por exemplo, ao dizer que:

Cara, eu acho que é uma profissão de alta performance, acho que é uma profissão de muitas restrições e renúncias. [...] Hoje em dia eu vejo como uma profissão de alta performance mesmo, assim, de restrições, de você estar condicionado para o seu propósito profissional e aí você abdica de partes de uma vida social, eu diria assim, de ter uma alimentação regrada [...], você tem que ter disciplina diária em treinos, então eu acho que é alta performance, seria isso, uma profissão de alta performance.

Reforçado pela fala de Fernando (2025) ao dizer “a maioria sofre bastante, por incrível que pareça”. Deste modo, ressaltamos que a força desse conjunto de normas que nos constituem a partir dessa força da moral que nos produz enquanto sujeito. Por conseguinte, são essas normas, que nos subjetivam, como visto na seção anterior, e no tornam inteligíveis.

Contudo, esses discursos nos atingem e passam a nos constituir a partir da reflexividade exercida pelo sujeito que o permite negar ou aceitar certos discursos que se enfrentam nessa arena denominada corpo. Assim, por mais que nos categorizemos, ao nos conscientizarmos sobre nós mesmos, podemos negociar e renegociar as articulações discursivas que dão sentido a essa categorização, por exemplo (Butler, 2022a).

## 5.7 JOGUE COMO HOMEM

No que tange essa categoria discursiva, observar no futebol a dinâmica das relações de poder instrumentalizando as torcidas presentes nos estádios sobre esse tema, visto que, por muito tempo, normalizaram e naturalizaram cânticos homofóbicos, racistas e misóginos nas arquibancadas. Revelando, assim, uma lógica do pensar o futebol estruturado nos pilares do patriarcado, onde os comportamentos aceitos nesses espaços estão conectados a reprodução das masculinidades que marginalizam e excluem corpos que não correspondem com essa concepção de masculinidade no futebol (Pinto, 2014).

Como retratado pelas arquibancadas, ao entoarem gritos homofóbicos nas arquibancadas da Neo Química Arena durante o clássico Corinthians e São Paulo, partida esta realizada no dia 14 de maio de 2023. Assim, como a finalidade de coibir tais atos, bem como reeducar esse comportamento, os atores estatais estão implementando dispositivos legais de coação e coerção desses atos. Por exemplo, ao incluir no Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD), o artigo 243 que busca inibir quaisquer atos ou práticas de cunho discriminatório e/ou ultrajantes e que esteja relacionado a origem étnica, raça, sexo, cor, idade, pessoas com deficiências entre outros grupos marginalizados estará passível de punição (STJD, 2023).

No entanto, por mais que haja dispositivos legais de coerção e coação sejam sinônimos, há um aparato ideológico que normatiza e naturaliza esse comportamento que não apenas reforçam estereótipos calcados na virilidade masculina, mas, como também sustentam estruturas de poder que beneficiam alguns corpos e comportamentos frente a outros, assim, marginalizando aqueles que não se enquadram ao percebido como ideal. Como notamos a partir do discurso do Richarlyson, em uma entrevista em um *podcast*, no qual falou abertamente sobre sua sexualidade, muitas vezes contestada nos gramados por não performatizar e materializar as masculinidades que o esporte “exigia”.

Atualmente, fora dos gramados, se posicionou quanto a sua sexualidade após anos de pressão sobre a “importância” de seu posicionamento, se assumiu “bissexual”. Percebemos, assim, como as relações de poder que atuam nesse caso, em especial as que vinham das arquibancadas e o pressionava, refletem até os dias atuais em sua constituição enquanto sujeito. Por conseguinte, em seu

discurso, podemos observar como essa instrumentalização da masculinidade o impactou ao inferiorizá-lo quanto a sua sexualidade ao afirmar que gostaria que sua carreira fosse pautada apenas por seu desempenho dentro dos gramados e não em suas escolhas fora dele. Como ele mesmo pontua:

A vida inteira me perguntaram se sou gay. Já me relacionei com homens e já me relacionei com mulheres também. Só que eu falo hoje aqui e daqui a pouco estará estampado a notícia: 'Richarlyson é bissexual'. E o meme já vem pronto. Dirão 'Nossa, mas jura? Eu nem imaginava' (ESPN, 2022, § 3).

Quando enfatiza os memes prontos, ele exterioriza a sua compreensão acerca das relações de poder mediante os discursos que o marcaram e o marginalizam, bem como expressa o quão violento foi para ele essas pressões sobre sua sexualidade. Uma vez que ele não percebia a relevância deste tema para o seu desempenho dentro de campo, evidenciando mais uma vez a força mora, visto que o desempenho não foi um marcador suficiente.

Como podemos perceber, não é apenas o corpo físico do atleta que entra em campo, ele também entra como sujeito e seu corpo o expressa como sujeito. Contudo, a entrada do Richarlyson enquanto apenas "jogador" nos gramados e seus resultados positivos em seus times não o blindou das violências que ele enfrentou ao longo de sua carreira por questões sobre sua sexualidade, haja vista que a sua subjetivação é impactada diretamente por essas violências.

Desta forma, muitas vezes, reproduzimos, consciente e/ou inconscientemente, esses discursos machistas, homofóbicos, entre outros atrelados ao conservadorismo no ambiente futebolístico para nos enquadrar em uma conformação do pensamento patriarcal da sociedade (Viana, 2010). Consequentemente, muitas vezes os sujeitos performatizam essas masculinidades em ambientes que promovem essas "sociabilidades masculinas", para serem aceitos e não sofrerem tantas violências como o Richarlyson sofreu, não se restringindo a violências vindas das arquibancadas, mas a outros espaços promulgadores dessas sociabilidades, como bares que também se tornam um espaço da torcida. Uma prática social, ou seja, um discurso, que podemos usualmente encontrar nesses ambientes são as típicas "piadas" e "provocações" entre torcidas rivais, como constatado por Gastaldo (2005, p. 118) ao expor que...

Outro motivo de chacotas foi o ex-goleiro do Grêmio, Danrlei, então reserva no Atlético Mineiro, que apareceu de relance em uma imagem dos jogadores no banco e suscitou o comentário público: "Olha ali a bichona... Pena que

daqui não dá pra jogar um radinho de pilha nele!” Aqui se evidencia outro mote perene dessa modalidade de sociabilidade masculina: a desqualificação do outro sob a “acusação” de homossexualidade, reiterando o aspecto da construção da identidade masculina [...] ao atribuir atitudes “femininas” a um homem, o desqualifica perante os outros homens.

Diante de tais manifestações discursivas, tais como as “piadas” e provocações, que visam desqualificar sujeitos por estigmas de gênero e sexualidade, por exemplo, não se limitam aos espaços informais de sociabilidade, como os bares ou arquibancadas. Elas também se projetam nas formas como o torcedor e jogador se relacionam. Essas manifestações se dão de diversas maneiras e entre diversos atores, assim, ultrapassa o âmbito da torcida e passa a compor a própria relação entre torcedor e jogador, reproduzindo diversos discursos hierarquizantes, seja de gênero, sexualidade, classe social, conseqüentemente, reforçando a lógica patriarcal e heteronormativa que sustenta o imaginário futebolístico.

A partir dessa construção discursiva conseguimos, podemos materializar as linhas de fuga ao romper com discurso hegemônico naturalizando as discriminações a fim de promover novas configurações dos corpos no Futebol (Costa & Amorim, 2019). Uma vez que esses corpos dissidentes começam a ocupar esses locais dominados pela heteronormatividade e passam a materializar campo de resistência aos discursos hegemônicos presentes no futebol. Como traz Preciado (2014), essa heteronormatividade passa a ser compreendida como um dispositivo social que regula a performatização dos corpos acerca da produção do feminino e masculino.

Diante desse movimento, podemos constatar mais uma rota para a democratização do futebol como em tendência discursiva de mudança social, visto que esses corpos não acessavam esses espaços. Agora eles acessam, assim como, de certa forma, performatizam suas identidades livremente, assim configurando seus corpos como espaço de resistência contra uma ideologia hegemônica que prega contra o modo de existir desses grupos. Não é que nos livramos desses atos discriminatórios, mas reconhecemos que estamos avançando para a normatização desses corpos nesse espaço, ao invés de reforçarmos estruturas de cunho preconceituoso.

## 5.8 ATLETA CELEBRIDADE

Um discurso que escutei muito durante as entrevistas com os participantes foi a do jogador celebridade. Deste modo, com o advento da espetacularização do futebol, alinhado com a mídia, o futebol passou a produzir o fenômeno conhecido como atleta celebridade. Assim, os jogadores são convertidos em personagem que se tornam ferramentas de identificação para com o consumidor-espectador. Conseqüentemente, o torcedor é convertido em cliente e os jogadores e treinadores, nessa relação impulsionada pela espetacularização, se convertem em mercadorias que devem ser rentáveis para o mercado da bola (Da Silva & Schmidt, 2019).

Logo, essa rentabilidade se vincula a objetificação discursiva do jogador por parte do torcedor, que é produzida e promovida pelo imaginário coletivo que exploram as dimensões narrativas do futebol. Assim, esse discurso é articulando e rearticulando em seu modo de agir e reagir sobre as estruturas externas e internas (Butler, 2022) frente a esse novo papel do jogador que além de atleta também exerce o papel de celebridade e junta desse papel um novo conjunto de prescrições sustentadas pelas novas expectativas do torcedor. Deste modo, as formas que assume para constituir e interagir com o sujeito. Desta forma, como explicita Tamires ao dizer que:

[...] hoje os jogadores estão lá por dinheiro sabe [...] o futebol é comercial hoje em dia porquê [...] sem ligar pra nada, sabe, tipo perdeu a essência do futebol bom, sabe. Tudo agora é qual jogador que é mais caro [...] dá pra ver como hoje em dia o comercial que importa, é o dinheiro e não jogo mesmo, sabe, futebol em si.

Discurso esse que é amplamente reproduzido, como podemos observar na fala da Angélica ao ser questionada sobre o que é ser jogador de futebol e responder: “Não sei. Hoje em dia acho que é nada, acho que é dinheiro”, assim confrontando o discurso de Gustavo que relatou que

Ser jogador de futebol acho que é um sonho da maioria dos homens da minha época. Hoje em dia acho que o mundo é cada um tem tantas esse sonho. Na minha época, era a maioria pelo menos. Se for dos meus amigos, tinha um sonho de ser jogador [...] no começo, óbvio que você não envolve dinheiro, envolve você ganhar um dinheiro bom, ajudar sua família. Quem é a maioria dos jogadores faz [...]

Esse discurso do “futebol comercial”, termo usado por Tamires, se tornou mais evidente com essa reterritorialização do futebol enquanto cultura e

identidade nacional e entra na fase de espetacularização do futebol, como citado acima, em que os jogadores assumem papel de celebridades e o dinheiro se converte em um aspecto relevante na constituição do atleta (Ferrari, 2019; Da Silva & Schmidt, 2019).

Como consequência desses discursos, a espetacularização do futebol, tornar o jogador em uma celebridade, gerar rentabilidade por meio da imagem do jogador impulsiona uma relação de identificação entre os jogadores celebridades e os torcedores. Bem como o atleta também explora essa relação de jogador-torcedor, quando se utiliza da conexão do clube para rentabilizar com a própria imagem, como relata Everton, ao dizer que...

Porque isso é muito novo pra gente, né, Ana? Eles perceberam esse canal também de comunicação, né? De novo, o Gabigol, ele é uma referência muito interessante em qualquer pesquisa, porque você ama ou você odeia o Gabigol, entende? Na relação com o clube do Flamengo, então, ele percebeu em determinado momento que ele poderia manipular isso e até ter ganhos e o Gabigol inventou de fazer rap. Porque ele acreditou, de acordo com o número de seguidores, que ele poderia ter um caminho além do futebol, entende?

Nesse trecho a fala de Everton sugere estratégia, ao colocando o atleta como sujeito que interpreta e atua sobre seu próprio ambiente discursivo. Onde se é sabido que o “canal de comunicação” não é descrito como um meio neutro, mas como parte de um dispositivo que articula visibilidade, engajamento e gestão de imagem. A afirmação de que o jogador teria percebido a possibilidade de “manipular isso e ter ganhos” evidencia a ação estratégica do sujeito dentro de relações de poder que são móveis e circulam entre torcida, mídia, clube e atleta.

Tal discurso é corroborado nas falas de Camila e Barbara ao reconhecerem o *status* de alguns jogadores como sendo de “subcelebridade”, essa escolha lexical denota uma certa insatisfação com esse novo papel do jogador, pois agora as prescrições disciplinares também passaram por uma nova configuração. Ressaltando assim que, ao mesmo tempo que eles assumem esse *status* eles acabam se perdendo no *status* de jogador, uma vez que o seu reconhecimento passa a ser no extracampo, como salienta Carla ao falar do Neymar...

O Neymar hoje tem mais fama por ser o Neymar do que o próprio jogador. [...] hoje se a gente vai falar assim, quem que é o Neymar? Muita gente vai falar, tipo, ah, o jogador de futebol... vai colocar na balança. É o jogador de futebol, o famosinho que foi namorado da Bruna Marquezine [...] Ele fica um pouco esquecido, o jogador de futebol.

Nesse sentido, o torcedor acaba imerso nesse emaranhado de relações e discursos, bem como envolto por afetos e pertencimentos e acaba desenvolvendo algumas expectativas, ou seja, acabam estabelecendo um conjunto de ações que constituem as relações de poder e tecem as redes de forças que exercem, dispersamente, o poder sobre que são direcionadas aos jogadores. Haja vista que, novas expectativas surgem desses atravessamentos midiáticos, econômicos e emocionais que, invariavelmente, fazem parte dessa constante negociação do devir. Além disso, há um movimento em realizar um rebaixamento de *status*, ao não o reconhecer pelo futebol, mas pelos conteúdos dos *blogs* de fofoca.

Nesse sentido, a vestimenta se manifesta como um código que os jogadores também são assujeitados a integrar. Mas, também, códigos informas que permeiam a relação jogador - torcedor, como no caso do Gabigol que foi flagrado usando a camisa do Corinthians em sua casa em um momento de lazer. A reação negativa foi muito forte por parte da torcida flamenguista, que antes o tinha como ídolo e herdeiro do trono do Zico, após esse evento passou a questionar sua permanência no clube, bem como a identificação que gerou com a torcida. Mesmo se desculpando, o impacto em sua imagem foi significativo que se acumulou com outros problemas e finalmente resultou na sua saída do clube.

Diante desse fato, constatamos como a linguagem não verbal por meio da vestimenta impacta nessas relações de poder intrínsecas na relação torcedor-jogador. Ao classificar o episódio como “traição”. Como consequência, as dinâmicas de poder e discursivas se alteram e evidenciando como o discurso (re)produzido pela torcida o impacta nesse processo de devir do jogador. Todavia, nesse sentido, Fairclough (2016, p. 257) nos apresenta três tendências de mudança discursiva que “propicia um meio de identificar padrões e processos complexos e contraditórios dessa mudança discursiva” que alteram “como as coisas têm sido”. Assim, (re)articulando os poderes, presente nos discursos dos torcedores, por exemplo, ao propiciar mudança social por meio do discurso.

Nessa subseção, percebemos a presença das tendências discursivas atuando nos discursos, como a *comoditização* desses sujeitos. Visto que a comoditização, é vista como a “indústria do futebol”. Transformado os jogadores em mercadoria, uma vez que o jogador não é mais apenas aquele ator do campo, agora assume um papel de indivíduo, assim, objetificando o sujeito e o transformando em produto. Contudo, como lembra Marcelo:

ser um jogador profissional, tem muito essa questão de ser uma mercadoria né, não dentro de um mercado mesmo, é só literalmente um produto do time que eles estão jogando, o produto dos empresários, é uma forma de movimentar o dinheiro dentro do clube.

Essa objetificação o reduziu a cifras ou a “literalmente um produto do time [...] dos empresários”. Assim, o futebol passa a se mover para a promoção da imagem do jogador a fim de gerar a identificação jogador e se apropriar dele de várias formas possíveis a fim de capitalizar financeiramente essa relação jogador-torcedor ao converter o torcedor em cliente/consumidor.

Deste modo, essa lógica mercantilista, para Morato, Giglio e Gomes (2011), impulsiona a torcida, em conjunto com o clube, a exercer um papel determinante na imagem do jogador. Assim, ao compreender que a prática discursiva do torcedor pode desconstruir o valor agregado da imagem do jogador ou impulsioná-la por meio de apoio e críticas, levando o jogador a passar pelo famoso “*rebranding*” para que o valor antes atribuído a ele seja agregado novamente (Morato, Giglio & Gomes, 2011).

O Cristiano Ronaldo é um exemplo dessa comoditização, pois ele não apenas é valorizado pelos seus números em campo e habilidades esportivas, a sua personalidade, ou a performatividade dela, acaba criando a marca Cristiano Ronaldo. Como ressalta Carvalho (2022), o atleta em questão, é conhecido não apenas pelas suas características atléticas, mas também por sua personalidade, aparência, família, ou seja, características também avaliadas pelo torcedor/consumidor do produto Cristiano Ronaldo. Dessa forma, observamos novamente a lente moral sendo um forte demarcador do jogador enquanto produto, pois só será “consumido” se tiver dentro dos padrões morais, mas agora não apenas em campo, mas em vários âmbitos de sua vida.

## 6 NOS ACRÉSCIMOS FINAIS DA PRORROGAÇÃO

Chegando nos minutos finais da prorrogação desta pesquisa, percebemos que a busca por compreender a construção discursiva dos torcedores sobre os corpos dos jogadores de futebol parte de uma inquietação sobre a hegemonia discursiva da percepção atleta enquanto máquina, discurso esse que fez parte de um longo período da minha vida.

Deste modo, após longas conversas na mesa do bar com os torcedores, então participantes desta pesquisa, pudemos identificar, ao longo da interpretação dos dados, oito (8) categorias discursivas presentes nesse *corpus* de pesquisa: sendo elas: o discurso que os qualifica enquanto máquinas (Corpo Máquina Perfectível); o discurso que exalta a superação dos limites e conquistas ao passo que vilaniza falhas (Ídolo/Herói); o discurso resultadista (Corpo Produtivo); o discurso do ditado popular “não basta ser honesto, tem que parecer honesto” (Entidade Moral); discurso do corpo que tem que ser “revisado” e controlado de acordo com as minhas expectativas (Corpo Regulado); o discurso que vende que a única forma do negro e pobre sair na situação vulnerável que se encontra é o futebol (Estigma do Engessamento Social); o discurso que futebol é coisa de homem (Jogue como Homem); e discurso fofoca, onde sabemos mais dos relacionamentos extracampo e não entra em campo (Atleta Celebridade).

Após a identificação dos discursos partimos para a fase de explorar os elementos constitutivo do discurso, onde o livro do Cunha e Cintra (2016) meu melhor amigo ao longo do processo de interpretação da dimensão textual. Então, a partir desse momento, ao verificar a transitividade indireta do verbo junto com seu movimento de realizar modificações o corpo o objeto (Oliveira, 2018), ou seja do atleta. Assim, compreendendo a partir do textual essa construção do que é ser torcedor, onde as preposições (sentimentos), impulsiona e transporta o ato de apoiar e modifica o atleta.

Essa dimensão nos apresentou ricas interpretações ao desvelar as intenções discursivas que a estrutura gramatical carrega em si. Como enfatizar a escolha discursiva do uso recorrente das metáforas ao se referir ao atleta, pois, ao metaforizá-lo, o desubjetiva (Fairclough, 2016). Ou seja, passam a ver como um indivíduo e não mais como um sujeito, ao passo que reduzem o corpo do atleta a um indivíduo o processo de desumanizá-lo se torna mais simples, bem como sua

conversão em uma máquina mais aceitável. Mas essa dimensão nos mostra, ainda, com as escolhas lexicais influencia no processo de constituição do discurso, uma vez que algumas palavras demarcam aspectos ideológicos e hegemônicos do discurso, aos quais estamos assujeitados, e que os possibilitam a naturalização de certos discursos em nosso inconsciente.

No que tange a prática discursiva, as escolhas lexicais enfatizadas na parte textual revelam as intencionalidades discursivas que escorregaram nas conversas. Também percebemos como esses discursos se disseminam por meio da aceitação dos vínculos prévio, elemento que Butler (2022) denomina de apego apaixonado, pois esses vínculos prévios são influências fortes na vida dos torcedores até que possam ser conscientes de sua existência. Para, assim, poder aceitar ou negar sentimentos, hábitos, gostos e outros aspectos que são estabelecidos antes mesmo de nascermos.

Nesse sentido, em alguns discursos também conseguimos tatear como tão constituídos, como por exemplo ao evidenciar que a torcida também cria regras que visam impulsionar os torcedores a demonstrarem seu apoio o tempo todo. Ou melhor, a torcida também cria discursos a partir da prescrição de normas que visam disciplinar e regular o corpo dos atletas, uma vez que ao mesmo tempo que eles precisam corresponder a intensidade da arquibancada com a mesma intensidade em campo.

A respeito do discurso enquanto prática social observamos um discurso pautado em uma ideologia patriarcal pertencente hegemonicamente ao discurso do conservadorismo e capitalismo. Duas correntes de pensamento hegemônico que assujeita as pessoas por meio do poder disciplinar, ou melhor, de pequenas práticas cotidianas de adestramento que moldam nossos corpos (Foucault, 2014).

Logo, percebemos como todas as dimensões se conectam para fazer do discurso uma prática social. Todas as dimensões operam em conjunto e simultaneamente entre si, assim, indicando tendências em que o discurso pode trabalhar enquanto prática social e realizar uma mudança social na realidade tal qual conhecemos. Desta forma, adentramos no segundo específico deste trabalho que foi: interpretar os discursos dos torcedores sobre os jogadores identificando as principais tendências de mudança discursivas.

As principais tendências destacadas por Fairclough (2016), são a democratização, a comoditização e a tecnologização. Nesse sentido, podemos perceber que no decorrer da interpretação da tendência democratizante do futebol por meio do discurso ocorre por meio da categoria discursiva do “Jogue como um Homem”. Nesse discurso observamos como os corpos que não performatizam a masculinidade esperada pelo meio se tornam corpos marginalizados, em especial os dissidentes. Visto que esses corpos não possuem nenhuma blindagem, diferente dos corpos que performatizam, como podemos ver no discurso do Richarlyson, que o seu desempenho em campo não o blindou da crítica advinda do discurso moral por não performatizar o papel que a torcida esperava que ele performatizasse.

A inserção da mulher nesse ambiente também reflete uma democratização da prática social, uma vez que o futebol, como explica (Pinto, 2014), ressalta que os pilares que sustentam o futebol parte de uma ideologia patriarcal proveniente da hegemonia do pensamento conservados o futebol. Logo, realizar a minha pesquisa em uma bar em dia de jogo sem ser importunada já demonstra como a democratização do espaço já está em andamento, uma vez que não foi exigido tampouco imposto a mim performatizar sociabilidades ditas masculinas e muito menos frequentar aquele espaço sob a supervisão e permissão de um homem.

No que diz respeito a comoditização, a categoria em que ele se evidencia de forma mais visível é o discurso de Atleta Celebridade. Em que foi possível constatar as mudanças nas dinâmicas na relação e percepção do torcedor em relação ao jogador. Por mais que esse movimento de conversão do atleta celebridade partiu de uma demanda da fase da espetacularização do esporte moderno (da Silva & Schimidt, 2019; Ferrari, 2019), pois assim possibilita aos mais diversos atores sociais do universo futebolísticos rentabilizar não apenas o corpo do atleta enquanto produto, mas a sua imagem, como também a sua vida, vide os casos do Cristiano Ronaldo e o Neymar.

No que se refere a tecnologização, constatamos essa tendência em discursos voltados para o “corpo máquina perfectível” e “atleta celebridade”. Uma vez que para o corpo máquina explorar toda sua potencialidade as novas tecnologias se fazem necessárias. Hoje em dia, grande parte dos indicativos de aprimoramento de técnicas parte de uma análise promovida por tecnologias, por exemplo, que avaliam indicadores fisiológicos que auxiliam os preparadores físicos a estabelecerem cargas mais adequadas para os treinamentos.

Contudo, a tecnologia que mais está em destaque no discurso dos torcedores que participaram dessa pesquisa, são os relacionados as redes sociais, que segundo eles alteraram a forma se relacionarem (torcedor e jogadores). Veem a rede social como uma forma de aproximação entre ambos, bem como um acesso a vida privada do jogador que antes os torcedores não detinham esse acesso. Logo, as formas de comunicação se encurtaram e intensificaram, críticas que vinham antes apenas das arquibancadas, agora inundam seus perfis no *instagram* constantemente. A distância que outrora existia, não existem mais e a vigilância por parte do torcedor, agora, extrapolou as quadro linhas.

No que se refere a descrição de como os discursos dos torcedores se materializam nos corpos por meio das identidades performativas dos jogadores de futebol. Podemos ver no próprio discurso do Richarlyson ao falar sobre as pressões que viveu dentro de campo o afetaram e continuam afetando por não performar a identidade de masculidade viril exigida pelo meio. Nesse caso o discurso resultadista e moral que permeia esse discurso não o blindou, porque o marcador gênero ainda é um marcador que marginaliza corpos.

Mas também, podemos ver o discurso mecanicista se expressando não apenas na fala de Zé Roberto, mas em como esse discurso o induz a estabelecer regras, normas ou parâmetros sobre o autocuidado com o próprio corpo para assim atingir um objetivo. E no conjunto desse discurso ainda podemos perceber aspectos do discurso do corpo produtivo e regulado a fim de o desenhá-lo a partir de uma compreensão como uma entidade moral. Contudo, de uma moral flexível, em que eu possa usar como apoio para o estabelecimento de discursos que beneficiem o cumprimento das expectativas dos sujeitos torcedores.

A partir dessa materialização podemos perceber que esses oito (8) discursos eles se interligam entre eles negociam o tempo inteiro aspectos desses discursos. Assim, para além dos objetivos podemos encontrar um forte elemento moral permeando todos os discursos para além do discurso foco, Entidade Moral. Logo, um dos resultados encontrados nessa pesquisa é a moral como o grande fio condutor da criação de todos os discursos encontrados, além de se colocar como um elemento que conecta todos esses discursos. Uma vez que, como expressa Butler (2022a) há uma força moral presente em todas as etapas e processos de produção do sujeito, visto que é a partir da moral que os conjuntos de normas e regras são fornecidas e são esses mesmos conjuntos que produzem o sujeito em sua

inteligibilidade. No entanto, esses sujeitos sempre estão em constante negociação com essas normas, de forma que essa produção do sujeito se dá a partir de sua reflexividade, conseqüentemente, estabelecendo linhas de fugas para essa produção de si como é o caso do Richarlyson.

O discurso do Richarlyson não materializa como o discursos dos torcedores atuaram nele, mas também como o possibilitaram de ser resistência. As linhas de fuga o possibilitam de sair de um regime macropolítico (Rolnik, 2018) do corpo normatizado pelos pilares estruturantes do patriarcado e conseqüentemente o conservadorismo. Ao assumir sua sexualidade “bissexual” ele enquadra seu corpo dissidente, ao mesmo tempo que levanta reflexões dessa instabilidade da força moral, pois se o corpo produtivo é capaz de blindar jogadores de crítica, porque a ele o “meme” já vem pronto.

Um aspecto muito relevante da pesquisa é a micropolítica dos afetos (Rolnik, 2018), que acaba se tornando um elemento central ao representar toda essa transitividade do verbo torcer, reforçando essa instância como a preposição que permite a possibilidade da ação do verbo e mover a fim de modificar o objeto jogador. Além de relevar o elemento apego apaixonado (Butler, 2022), como um elemento constitutivo do sujeito presente tanto no sujeito que realiza a ação quanto no objeto que sobre a ação.

Como resultado desse apego apaixonado, conseguimos observar o poder assumir a forma de desejo e o explorar, evidenciando, assim, a dependência existencial do jogar ao poder. Haja vista que, o poder só o explora por meio do desejo a partir do momento da manutenção de promessas que o façam atingir o seu desejo. Aspecto encontrado fortemente no discurso acerca do engessamento social e que se estigmatiza corpos negros e pobres a terem no futebol sua única forma de ascensão social a fim de melhorar as condições de vida própria, mas também do núcleo familiar mais próximo.

Outro achado dessa dissertação é constatar como a construção subjetiva desses jogadores, nascem das tensões discursivas derivadas das contradições discursivas moralizantes que possibilitam a atuação dos elementos que nos torna inteligíveis, conseqüentemente, nos torna sujeito (Butler, 2022). Algumas dessas tensões são:

- Tensão “vocação vs profissão”:

Uma das tensões encontradas, ao realizar a análise crítica do discurso a partir do modelo tridimensional de Fairclough, foi a que se sustenta no antagonismo da vocação vs profissão. Sendo a vocação, segundo o dicionário Oxford Languages, definida como “disposição natural e espontânea que orienta uma pessoa no sentido de uma atividade, uma função ou profissão; pendor, propensão, tendência” e a profissão definida como “trabalho que uma pessoa exerce para obter os recursos necessários à sua subsistência; ocupação, ofício”.

Assim, interpretaremos essa tensão a partir do conjunto de códigos que estabeleceu as bases de organização dos desportos em todo o país, como por exemplo ao Decreto-Lei n.º 3.199, de 14 de abril de 1941 (Brasil, 1941). Posteriormente, a Lei n.º 6.354, de 02 de setembro de 1976 (Brasil, 1976), Lei Pelé, Lei n.º 9.615, de 24 de março de 1998 (Brasil, 1998), entre outros conjuntos normas socialmente institucionalizados e aceitas.

Desta forma observamos a materialidade de normas definidoras das condutas do que se espera que um jogador de futebol profissional seja. Mas, assim como há essas normas institucionais, em forma de lei, há, também, as convenções informais que se refere as expectativas do torcedor sobre os jogadores, como debatidas ao longo da pesquisa. Conseqüentemente, com ou sem intenção, acabam estabelecendo um conjunto de normas sobre como o jogador precisam se portar. Nesse sentido, muitas respostas carregavam em si os conjuntos de normas prescritas pela coletividade torcida. Logo, observamos conjuntos de regras, normas e convenção sobre o que é vocação e o que é profissão disputando espaços de inteligibilidade nesses corpos por meio das relações de poder.

- Tensão “paixão vs mercadoria”

Nessa tensão, a existência reflete as disputas de poder que residem no antagonismo demarcado pela “paixão vs produto”. Essa paixão, interpretada algumas vezes como vocação, mas que traz principalmente a ideia de vestir a camisa pelo time, de ter raça. Ao mesmo tempo que, apesar do vínculo desenvolvido pelo jogador e torcedor, ele pode ser vendido e acabar indo atuar no rival, por exemplo.

Essa tensão evidencia o choque entre a micropolítica da afetividade e a macropolítica estabilizantes das estruturas dominantes e hegemônicas. Conseqüentemente, ampliamos nossa fronteira para o campo da subjetividade onde

o molar atuará as formas e estruturas sociais, ou seja, atuar naquilo que caracterizamos como visível, estável, institucionalizado e normalizados. Refere-se à maneira como os sujeitos, bem como as relações sociais estão organizadas e classificadas dentro dos padrões de poder, identidade, função ou valor. Enquanto o molecular partimos para estruturas representadas por fluxos espontâneos e transformadores ao desafiarem as estruturas já estabelecidas (Merriman et al., 2019), assim, representando o potencial de mudança e de devir (Lancione et al., 2017). Esse aspecto se apresenta nas fissuras dos discursos, ao deixarem discursos naturalizados escaparem no meio de uma oração ou outra.

No entanto, o molecular não anula ou nega a molar, mas as atravessam e as reconfiguram frente aos afetos, lembranças e resistências micropolíticas, assim, possibilitando desenvolver novas formas de pensar acerca da profissão “jogador de futebol” ao passar a considerar a experiência vivida, o corpo desejante e o espaço de criação, assim, constituindo essa tensão.

- Tensão “sacrifício vs privilégios”

No que tange a terceira tensão discursiva marcada pelo antagonismo entre “sacrifício vs privilégio”. Essa tensão emerge dos sentidos atribuídos ao sacrifício e privilégio, bem como articulam e rearticulam os discursos produzidos por essa tensão. Assim, compreendemos o sacrifício, segundo o Oxford Languages, “renúncia voluntária ou privação voluntária por razões religiosas, morais ou práticas”, enquanto privilégio é visto como o “direito, vantagem, prerrogativa, válidos apenas para um indivíduo ou um grupo, em detrimento da maioria; apanágio, regalia”.

Nesse sentido, o jogador é discursivamente posicionado tanto como trabalhador disciplinado, submetido a renúncias, restrições e demandas de alta performance por meio do discurso, como também é o atleta que é acessa vários espaços, que o salário astronômico de poucos no futebol justifica o sacrifício de muitos, assim constituindo uma premissa de generalização e universalização de algumas dinâmicas.

No que se refere as contribuições dessa pesquisa para os estudos organizacionais, inicialmente, é a reconfiguração da visão do que a Administração pode estudar sobre futebol enquanto um fenômeno que apresenta uma organização viva, saindo da visão usual de observar essa ligação apenas por meio das empresas

e gestão. Passamos, a compreender o futebol como um campo organizacional a partir de aspectos não convencionais evidenciando assim as normas, rituais e produção de sujeitos com uma outra lente de pesquisa. Além de ampliar o olhar para atores envolvidos no processo a partir da produção coletiva de sua realidade como a torcida.

Deste modo, este trabalho não apenas dialoga com teorias contemporâneas, mas oferece uma perspectiva replicável para outros contextos organizacionais, bem como para outros atores sociais envolvidos no processo de subjetivação do jogador. Diante disso, uma das limitações dessa pesquisa foi recortar apenas os discursos dos torcedores, no entanto, como sugestão para futuros trabalhos acerca desse tema seria replicar essa pesquisa para com outros atores sociais que permeiam esses fenômenos, para assim avançar nas descobertas de novos discursos ou comparar os existentes e que se repetem.

## REFERÊNCIAS

- Abal, F. C., & Lodi, A. (2021). Futebol, política e identidades. *Diálogo*, (47), 1-7.
- Abrahão, B. O. de L., & Soares, A. J. G. (2012). O futebol na construção da identidade nacional: uma análise sobre os jogos "pretos x brancos". *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 26, 47-61.
- Alino-Silva, C. (2019). *Futebol em mesa de bar: O torcer na cidade de Londrina* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Londrina.
- Aguilar, M. A. B., & Gonçalves, J. P. (2017). Conhecendo a perspectiva pós-estruturalista: breve percurso de sua história e propostas. *Revista Conhecimento Online*, 1, 36-44.
- Antes, G., & Jacondino, E. N. (2020). O pós-estruturalismo e o debate sobre a fabricação dos sujeitos: a genealogia de Michel Foucault. *Alamedas*, 8(1), 99–114. <https://doi.org/10.48075/ra.v8i1.23981>
- Batista, C., & Abrahão, B. O. de L. (2022). Estudos sobre os torcedores de futebol: uma revisão sistemática. *FuLiA/UFMG*, 7(1), 82-102.
- Benozzo, A. (2018). Poststructuralism. In C. Cassell, A. L. Cunliffe, & G. Grandy (Eds.), *The SAGE Handbook of Qualitative Business and Management Research Methods* (pp. 86-101). London: SAGE.
- Butler, J. (2022). *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Autêntica.
- Butler, J. (2022a). *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Autêntica.
- Butler, J. P. (2018). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* (R. Aguiar, Trad.). Civilização Brasileira.
- Brígido, E. I. (2013). Michel Foucault: uma análise do poder. *Revista de Direito Econômico e Socioambiental*, 4(1), 56-75.
- Carrieri, A. D. P. (2014). As gestões e as sociedades. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 1(1), 21-64.
- Carrieri, A. D. P., Perdigão, D. A., & Aguiar, A. R. C. (2014). A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. *Revista de Administração (São Paulo)*, 49, 698-713.
- Carvalho, A. R. F. Q. (2022). *Cristiano Ronaldo como alavanca da marca-nação Portugal* (Doctoral dissertation, Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Comunicação Social).
- Casali, J. P., & Gonçalves, J. P. (2018). Pós-estruturalismo: algumas considerações sobre esse movimento do pensamento. *REDD–Revista Espaço de Diálogo e Desconexão*, 10(2), 84-92.

- Casimiro, S. (2005). *Um estudo das modalidades deontica e volitiva nos discursos do presidente Lula* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas.
- Christians, C. G. (2006). A ética e a política na pesquisa qualitativa. In: Denzin, N. K.; Lincoln, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens* (2ª ed., pp. 141-162). Porto Alegre: Artmed.
- Cintra, A. M. S., Mesquita, L. P. D., Matumoto, S., & Fortuna, C. M. (2017). Cartografia nas pesquisas científicas: uma revisão integrativa. *Fractal: Revista de Psicologia*, 29, 45-53.
- Coimbra, G. A., & de Sousa, K. M. (2023). Racismo, ressentimento e resistência: o baile de Vinicius Junior sobre o recalque espanhol. *Redis: Revista de Estudos do Discurso*, (12), 15-42.
- Correia, G. F. A., & Carrieri, A. D. P. (2019). Histórias, memórias e futebol amador: reflexões e possibilidades nos estudos organizacionais. *Revista Gestão & Conexões (REGEC)*.
- Costa, L. B., & Amorim, A. S. L. (2019). Uma introdução à teoria das linhas para a cartografia. *Atos de Pesquisa em Educação*, 14(3), 912-933.
- Costa, C. F. T., Costa, A. D. C. S., & Vargas, M. M. (2018). O que é ser jogador de futebol? Autoconceito de atletas do futebol sergipano. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 8(2).
- Costa, V. A. D. da. (2024). *O poder da imagem corporal: Moda e formações discursivas em destaque* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- Costa, L. B. da, & Amorim, A. S. L. (2019). UMA INTRODUÇÃO À TEORIA DAS LINHAS PARA A CARTOGRAFIA. *Atos De Pesquisa Em Educação*, 14(3), 912–933. <https://doi.org/10.7867/1809-0354.2019v14n3p912-933>
- CNN Brasil. (2025, 13 de novembro). Ronaldo Fenômeno assume culpa pela perda da Copa de 98 e conta bastidores. CNN Brasil. <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/selecao-brasileira/ronaldo-fenomeno-assume-culpa-pela-perda-da-copa-de-98-e-conta-bastidores/>
- Denzin, N. K.; Lincoln, Y. S. (2006). A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: Denzin, N. K.; Lincoln, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens* (2ª ed., pp. 15-41). Porto Alegre: Artmed.
- Dias, M. H.; & Sousa, E. L. A. D. (2012). Esporte de alto rendimento: reflexões psicanalíticas e utópicas. *Psicologia & Sociedade*, 24, 729-738.
- Duarte, M. D. F., & Alcadipani, R. (2016). Contribuições do organizar (organizing) para os estudos organizacionais. *Organizações & Sociedade*, 23(76), 57-72.

- Estrelando. (n.d.). Confira polêmicas: Ronaldo Fenômeno já se envolveu... [Fotografias]. Estrelando. <https://www.estrelando.com.br/foto/2025/09/18/confira-polemicas-ronaldo-fenomeno-ja-se-envolveu-299875/foto-1#/foto-6>
- Fachini, E. C. S., & Ferrer, W. M. H. (2019). Biopolítica e biopoder como forma de intervenção na ordem econômica e de controle social: a Lei Geral de Proteção de Dados como inibitória da manipulação social. *Revista Direito UFMS*, 5(2), 226-246.
- Fairclough, N. (2010). A dialética do discurso. *Revista Teias*, 11(22), 10-pgs.
- Fairclough, N. (2016). *Discurso e mudança social*. 2ª ed. Brasília: UnB
- Foucault, M. (2014). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. (R. Ramallete, Trad.). (42nd ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Foucault, M. (1995). *O sujeito e o poder*. In P. Rabinow, & H. Dreyfus. Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica (pp.231-249). Rio de Janeiro: Forense.
- Furlin, N. (2013). Sujeito e agência no pensamento de Judith Butler: contribuições para a teoria social. *Sociedade e Cultura*, 16(2).
- Galak, E., Zoboli, F., & Saliba Manske, G. (2020). Do corpo da biologia ao corpo da máquina: algumas considerações a partir do esporte. *Revista da ALESDE*, 12(1), 57-73.
- Gastaldo, E. (2005). " O complô da torcida": futebol e performance masculina em bares. *Horizontes antropológicos*, 11, 107-123.
- Gomes, A. C., & de Souza, J. (2009). *Futebol: treinamento desportivo de alto rendimento*. Artmed Editora.
- Globo Esporte. (2024, 4 de março). *Foco e tentação: como a vida pessoal influencia na carreira do jogador de futebol*. Globo Esporte. <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2024/03/04/foco-e-tentacao-como-a-vida-pessoal-influencia-na-carreira-do-jogador-de-futebol.ghtml>
- Guimarães, M. L. Z. (2023). A Cidade Em Jogo: Práticas Torcedoras, Utopias Disciplinares e Transformação Urbana Em São Paulo (1900-1930). *Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade*, 1(29), 06-33.
- Haesbaert, R., & Bruce, G. (2009). A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. *GEOgraphia*, 4(7), 7-22. [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/31694307/Deleuze\\_e\\_a\\_geografia\\_etologica-libre.pdf](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/31694307/Deleuze_e_a_geografia_etologica-libre.pdf)
- Helal, R. (2003). Idolatria e malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário. *INTERCOM: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 26(2).
- Jahnecka, L. (2010). O jeito xavante de torcer: formação de memórias em uma torcida de futebol. 2010. 73f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências)

– Instituto de Ciências Básicas da Saúde , Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

- Janesick, V. J. (2014). Oral history interviewing: issues and possibilities. In: Leavy, P. (Ed.). *The Oxford Handbook of Qualitative Research*. Oxford: Oxford University Press. (pp. 300-314).
- Ladson-Billings, G. (2006). Discursos racializados e epistemologias étnicas. In: Denzin, N. K.; Lincoln, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens* (2ª ed., pp. 259-279). Porto Alegre: Artmed.
- Lemos, A. (2007). Ciberespaço e tecnologias móveis: Processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura. In *Imagem, visibilidade e cultura midiática* (pp. 277–293). Sulina.  
<https://facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/territorio.pdf>
- Michaelis. (n.d.). Sujeito. Em *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Recuperado de: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sujeito/>
- Morato, M. P., Giglio, S. S., & Gomes, M. S. P. (2011). A construção do ídolo no fenômeno futebol. *Motriz: Revista de Educação Física*, 17, 1-10.
- Oliveira, M. B. de. (2018). Pós-estruturalismo e teoria do discurso: perspectivas teóricas para pesquisas sobre políticas de currículo. *Revista Brasileira De Educação*, 23, e230081. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782018230081>
- Oliveira, E. M. F. de. (2018). *A paixão como confronto: Disputas discursivas sobre o ato de torcer* (Tese de Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Orlandi, E. P. (1983). *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense.
- Peters, M. (1999). (Posts-) modernism and structuralism: affinities and theoretical innovations. *Sociological Research Online*, 4(3), 122-138.
- Peters, M. (2000). *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução*. Autêntica.
- Petersen, P. T., de Souza, L. Z., de Souza, A. E., Junges, F. C., & Brutti, T. A. (2022). O discurso como prática social a partir de Foucault. *Revista Missioneira*, 24(1), 11-19.
- Pimenta, I. S. (2021). Racismo no futebol: O que a linguagem do discurso midiático pode nos dizer?. *Sur le journalisme*, 10(2), 152-165.
- Pinto, M. R. (2014). Torcidas queer e livres em campo: sexualidade e novas práticas discursivas no futebol. *Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, (14).
- Preciado, P. (2014). *Manifesto contrassexual* (M. P. G. Ribeiro, Trad.). N-1 Edições.

- Rampazo, A. V., Saraiva, L. A. S., Souza, E. M. D., Brewis, J., & O'Shea, S. (2022). Rompendo hegemonias sobre corpos e organizações. *Revista de Administração de Empresas*, 62(04), e0000-0022.
- Ribeiro, R. R., Marchiori, M., & Vilaça, W. (2016). Faces e interfaces que se revelam nas práticas discursivas das organizações. *LÍBERO*, (26), 63-74.
- Rolnik, S. (2018). *Esfera da insurreição: Notas para uma vida não cafetinada*. N-1 Edições.
- dos Santos Costa Júnior, J. (2022). Pós-estruturalismo e escrita da história: A genealogia como crítica da subjetividade. *Revista De Teoria Da História*, 25(1), 90–112. <https://doi.org/10.5216/rth.v25i1.70544>
- Souza, A. L. de, Alves, A. F., Paula Abrantes, F. V. de, Silva, I. B. da, Nicácio, L. G., de Mattos Dantas, M., ... & da Silva, S. R. (2019). Levantamento e análise do desenvolvimento da produção e do estudo sobre futebol 1980-2016. *Políticas públicas de esporte e lazer: centro MG da Rede CEDES*.
- Spink, M. J. (2010). *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Porto Alegre: Editora Penso.
- STJD. (2023). *Artigo 243-G: Homofobia no futebol*. Superior Tribunal de Justiça Desportiva. <https://www.stjd.org.br/noticias/artigo-243-g-homofobia-no-futebol>
- Toledo, L. H. de. (2010). Torcer: a metafísica do homem comum. *Revista De História*, 163, 175-189. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i163p175-189>
- "torcer", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2025, <https://dicionario.priberam.org/torcer>.
- "torcedor", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2025, <https://dicionario.priberam.org/torcedor>.
- Theobald, R. R., dos Santos, M. J., Brambilla, F. R., & Eberle, L. (2020). Sentimentos e Emoções dos torcedores de Futebol. *Revista Eletrônica de Administração e Turismo-ReAT*, 14(2), 183-202.
- Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.
- Tsoukas, H., & Knudsen, C. (2005). Introduction: The need for meta-theoretical reflection in organization theory. In H. Tsoukas & C. Knudsen (Eds.), *The Oxford handbook of organization theory: Meta-theoretical perspectives* (pp. 1-36). Oxford University Press.
- Viana, N. (2010). Notas sobre o significado político do futebol. *Revista Espaço Acadêmico*, 9.
- Vejmelka, M. (2018). Futebol, política e identidade no Brasil. *FuLiA/UFMG*, 3(1), 61-79.

Zoboli, F., Nova, J. V. da S. T., Santos, S. O. dos, & Menezes, E. C. G. de. (2015). Usain Bolt e o corpo máquina: associações e metáforas no anúncio publicitário do Nissan GT-R. *Conexões*, 13(2), 54–82. <https://doi.org/10.20396/conex.v13i2.8640655>

## APÊNDICES

## APÊNDICE A

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezada(o),

Gostaria de convidá-la(o) a participar da minha pesquisa desenvolvida junto à Universidade Estadual de Londrina, “A Construção Discursiva dos Torcedores Sobre os Corpos dos Jogadores de Futebol.”. A presente pesquisa pretende compreender a construção discursiva dos torcedores sobre os corpos dos jogadores de futebol. Desta forma, como objetivos específicos, procuro explorar os elementos constitutivos do discurso dos torcedores sobre os jogadores de futebol, interpretar os discursos dos torcedores sobre os jogadores a partir das principais tendências de mudança discursivas e, por fim, descrever como os discursos dos torcedores se materializam nos corpos por meio das identidades performativas dos jogadores de futebol.

A pesquisa será realizada por meio de uma entrevista online ou presencial, em local, data e horário escolhidos por você, na qual falaremos sobre os discursos disseminados **por torcedores acerca dos jogadores de futebol** e como esses discursos atuam sobre a constituição dos **corpos dos jogadores de futebol**. Estima-se que você precisará de cerca de uma hora e meia para a entrevista. Esta pesquisa está pautada pelos compromissos éticos de:

1. Consentimento informado: não haverá coerção física ou psicológica para participação e a concordância será baseada em informações completas e transparentes constantes do TCLE.
2. Privacidade dos informantes e confidencialidade das informações: todos os dados pessoais serão protegidos, sendo que as gravações de áudio e vídeo com a participação das pessoas entrevistadas serão baixadas e armazenadas nos computadores das/os pesquisadoras envolvidas com esta pesquisa, sem o uso de nuvens e protegidos por senha, apagando todo e qualquer registro no ambiente virtual. Os nomes das/os entrevistadas/os serão trocadas por nomes fictícios já na fase de interpretação dos dados.
3. Precisão das informações: não serão usados meios fraudulentos e omissões das informações, uma vez que todo o caminho metodológico será exaustivamente descrito.
4. Riscos e Controle de danos: 1) Um risco será a garantia de sigilo e confidencialidade às/aos participantes da pesquisa. Neste caso, as entrevistas gravadas e transcritas serão identificadas por um pseudônimo. Todo o material coletado será armazenada diretamente nos computadores das/os pesquisadoras envolvidas com esta pesquisa sem o uso de nuvens e protegidos por senha. Além do mais, será entregue um termo de consentimento esclarecido às/aos participantes da pesquisa antes da entrevista. 2) Outro risco detectado será o possível desconforto emocional das/os entrevistadas/os. Para tentar amenizar esse problema, será dado apoio psicológico com profissional especializado àqueles que necessitarem. Ao mesmo tempo, as/os pesquisadoras que farão as entrevistas serão treinadas/os para interagir com respeito e sensibilidade com as/os entrevistadas/os. 3) Corre-se o risco de alterações na autoestima das/os entrevistadas/os provocadas pela evocação de memórias ou por conscientização sobre a condição sociocultural. Para tentar amenizar esse problema, será dado apoio psicológico com profissional especializado àqueles que necessitarem. 4) Podem ocorrer alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões sobre diferenças sociais e papéis sociais. Para tentar amenizar esse problema, será dado apoio psicológico com profissional especializado àqueles que necessitarem.

5. Benefícios: visa trazer contribuições relevantes para diferentes dimensões. 1) Sociedade: sua contribuição reside em uma melhor compreensão, a partir de uma visão crítica e reflexiva, acerca futebol em suas diversas formas de viver, pensar, nos relacionar enquanto sujeitos e sociedade. 2). Futebol: propiciar uma ampliação do entendimento do futebol para além do esporte, mas do seu caráter socioeconômico, bem como de um espaço discursivo em que as estruturas de dominação são replicadas, em como o poder e a construção de significados impactam tanto os jogadores, quanto os torcedores e clubes. 3). Participantes: oferece a oportunidade de refletirem sobre suas próprias experiências e compreensão sobre o futebol, o torcedor e o jogador de futebol, assim como os tornar conscientes acerca de como suas opiniões, falas e posicionamentos influenciam a constituição dos jogadores de futebol.

Você não será remunerada/o, visto que sua participação nesta pesquisa é de caráter voluntária. Caso decida desistir da pesquisa, você poderá interromper a entrevista e sair do estudo a qualquer momento, sem nenhum tipo de penalidade, constrangimento ou prejuízo. Caso já tenha sido entrevistada/o, mas mesmo assim prefira retirar seu consentimento, basta enviar solicitação de retirada de participação da pesquisa pelo seguinte contato: [aribeiro@uel.br](mailto:aribeiro@uel.br). Nesse caso, todo material que envolve sua participação será automaticamente apagado e você receberá um e-mail dando ciência disso. Informo também que a qualquer momento da realização desse estudo você poderá receber os esclarecimentos adicionais que julgar necessários. Todos os registros efetuados no decorrer desta investigação serão usados para fins unicamente acadêmico-científicos e apresentados na forma trabalho de Relatório de Pesquisa ou artigo científico, não sendo utilizados para qualquer fim comercial.

Em caso de concordância com as considerações expostas, solicitamos que assine este “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” no local indicado abaixo. Informo que este documento com sua assinatura pode ser enviado por e-mail ([aribeiro@uel.br](mailto:aribeiro@uel.br)) ou impresso e entregue diretamente para a pesquisadora. Sua assinatura pode ser de cunho próprio ou eletrônica pelo site Assinatura Eletrônica do Governo Federal (<https://www.gov.br/governodigital/pt-br/identidade/assinatura-eletronica>).

Desde já agradecemos sua colaboração e nos comprometemos com a disponibilização dos resultados obtidos nesta pesquisa, tornando-os acessíveis a todas/os as/os participantes.

---

Ana Claudia Ribeiro

Universidade Estadual de Londrina

Discente do Programa de Pós-Graduação em Administração

-----  
Eu, \_\_\_\_\_, assino o termo de consentimento, após esclarecimento e concordância com os objetivos e condições da realização da pesquisa, permitindo, também, que os resultados gerais deste estudo sejam divulgados sem a menção dos nomes dos pesquisados.

Londrina, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2025.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

Qualquer dúvida ou maiores esclarecimentos, entrar em contato:

**e-mail:** [aribeiro@uel.br](mailto:aribeiro@uel.br)

**Telefone/WhatsApp:** (43) 99164-6531